

ARTIGO | *PAPER*

A ARQUEOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA REPÚBLICA VELHA E OS ESTUDOS DE INDÚSTRIAS LÍTICAS SAMBAQUIANAS (1890 – 1930)

THE HISTORICAL-CULTURAL ARCHAEOLOGY OF BRAZILIAN OLD REPUBLIC AND THE STUDIES OF SAMBAQUIAN LITHIC INDUSTRIES (1890 – 1930)

Arthur Braga Alves ^a

Maria Dulce Gaspar ^b

^a Doutorando e Mestre no Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PPGARq) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: arthurbragaalves97@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1148-2477>

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP. Professora do Programa de pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional - UFRJ. E-mail: madugasparmd@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5483-4495>

RESUMO

Neste artigo continuamos a apresentar o histórico das pesquisas sobre sambaquis, com foco nos estudos e discussões acerca das indústrias líticas, buscando entender a relação entre a prática científica e os paradigmas de cada momento histórico nesse campo específico. Cabe destacar que essa é a segunda publicação de uma série, neste trabalho abordamos a arqueologia do final do Império e durante a República Velha, período que se caracteriza pela continuidade dos esquemas tipológicos baseados nos estudos de morfologia de peças líticas e das interpretações a partir da ótica do evolucionismo cultural unilinear, difusionismo e positivismo, inseridas no paradigma histórico-cultural herdado da arqueologia do período imperial. Apresenta, também, o desenvolvimento próprio da disciplina com a produção de sínteses regionais, investigação da associação entre diferentes tipos de sítios, com maior acúmulo de dados científicos e criação de coleções de peças arqueológicas. Aponta para o amadurecimento da disciplina que se torna mais moderna a partir da década de 1930.

PALAVRAS-CHAVE

Sambaquis, Histórico das pesquisas, Indústrias líticas, República Velha.

ABSTRACT

In this article we continue to present the history of research on sambaquis (brazilian shellmound), focusing on studies and discussions about the lithic industries, seeking to understand the relationship between scientific practice and the paradigms of each historical moment in this specific field. It is worth mentioning that this is the second publication of a series, in this work we discuss the archeology of the end of the Empire and during the Old Republic, a period that is characterized by the continuity of typological schemes based on the morphology of lithic pieces and the use of this information from a perspective of unilinear cultural evolutionism, diffusionism and positivism, inserted in the historical-cultural paradigm, inherited from the archaeology of imperial institutions. It also presents a proper development of the discipline, producing regional synthesis, thinking association of sites, with greater accumulation of scientific data and creation of collections of archaeological pieces. It points to the maturing of the discipline that becomes more modern from the 1930s.

KEYWORDS

Shellmounds, History of research, Lithic industries, Old Republic.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia histórico-cultural da república velha e os estudos de indústria lítica sambaqueira (1890 – 1930). Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 60-94, Jan-Jun. 2024.

Introdução

Este artigo sobre a arqueologia histórico-cultural da República Velha (1890 – 1930) integra uma série de textos que discute o histórico das pesquisas sobre indústrias líticas de sambaquis ao longo de diferentes períodos. De modo a orientar a discussão e dividi-la em artigos criamos uma periodização própria, o primeiro período trata dos “Relatos e colecionismo pré-científico”, começando em 1580 com os relatos no Brasil colônia, até 1810 com o começo do Império. O segundo, denominado de “Arqueologia Imperial evolucionista-cultural”, começa com a criação das instituições científicas imperiais, em 1820, e se estende até o final do Império na década de 1880 (ALVES E GASPAR, 2023). O terceiro período aborda a “Arqueologia histórico-cultural da República Velha”, tratado neste artigo, começa na década de 1890 com o início República Velha e continua até 1920. O quarto apresenta o “Início da arqueologia histórico-cultural moderna” começa com o Estado Novo em 1930, momento de desenvolvimento de técnicas e teorias mais modernas, até 1960. O quinto período “Ápice da arqueologia histórico-cultural moderna” começa na década de 1960 com a entrada definitiva de novas influências da arqueologia norte-americana e da francesa, e termina em 1980. O sexto e último aborda a “A nova arqueologia processual e pós-processual” e tem início na década de 1990 com a chegada de diversas teorias com desenvolvimentos próprios paralelos e complementares, e se estende até hoje. Porém, pela pluralidade característica do período atual, apoiada em diferentes linhas teóricas, não estabelecemos uma divisão rígida mas investigamos o entrecruzamento de abordagens diversas para construir interpretações mais robustas. A divisão em períodos considera uma série de aspectos como as teorias e metodologias vigentes, mas também o contexto histórico, político e ideológico que influenciava diretamente as práticas arqueológicas e os seus objetivos através das instituições e dos pesquisadores. Nossa intenção é aprofundar o conhecimento sobre a história da arqueologia brasileira, servindo de apoio para as pesquisas em sambaquis e indústrias líticas, pois entendemos que a revisão crítica da bibliografia é essencial para a prática científica e arqueológica.

Resumidamente, o primeiro estágio da arqueologia brasileira (1820-1880) está intimamente relacionado com os pressupostos e objetivos das elites imperiais. O objetivo das instituições, como o Museu Real e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), era reconstruir um passado da nação brasileira para ser utilizado como ferramenta legitimadora do processo civilizador do império. Os pesquisadores olhando para os sambaquis e os seus instrumentos líticos procuravam evidências de civilização ou de barbárie a fim de encontrar um passado glorioso ou demonstrar que os antepassados indígenas eram selvagens canibais. Acabaram por encontrar os dois lados dessa balança, mas a ausência de monumentos grandiosos ou sinais óbvios e identificáveis de civilização próxima à europeia fez prevalecer a noção de que os sambaquianos¹ eram

1 Atualmente há dois termos usados para se referir aos grupos originais dos sambaquis, sendo sambaquieiros e sambaquianos. Neste texto, escolhemos utilizar o termo “sambaquiano” por uma questão semântica, pois o sufixo “ano” é utilizado para denotar origem e pertencimento, normalmente para populações, como em “americanos” e “romanos”. Uma vez que é nos sambaquis que encontramos os corpos dessas pessoas e é sugerido por muitos pesquisadores que eram marcos e referências na paisagem que demarcam territórios, sendo então o povo que pertence

povos representantes dos mais baixos degraus de desenvolvimento humano, noção estendida para os nativos modernos. As pesquisas estavam inseridas no evolucionismo cultural unilinear que entendia os grupos humanos ordenados em diferentes estágios de desenvolvimento moral, cultural e tecnológico, legitimando discursos de dominação das “raças” inferiores pelos europeus “cultos” (ALVES E GASPAR, 2023).

Os estudos de artefatos líticos dos sambaquianos foram utilizados como apoio para esses ideais, enquanto algumas das suas características, geralmente estéticas, foram eleitas como prova de um ou outro argumento. As belas peças polidas, os machados e zoólitos, por exemplo, foram considerados, simultaneamente, fruto do desenvolvimento cultural e artefatos exógenos vindos de algum centro civilizador das Américas, relacionado com Incas e Astecas. Já os “toscos” artefatos lascados foram entendidos como prova de atraso cultural ou degeneração de uma raça antes desenvolvida. É preciso destacar, também, que foi um período em que as primeiras coleções foram formadas e surgiram as sistematizações regionais de dados arqueológicos, esse acúmulo de informações permitiu o surgimento das primeiras questões propriamente científicas sobre essas indústrias e os sambaquianos. Destaque para a discussão sobre cronologia e migração desses povos, a sua relação com os nativos modernos e grupos vizinhos, da aplicabilidade da divisão europeia da pré-história em idades da pedra polida e lascada e sobre as funções dos artefatos. Os líticos eram então organizados em tipologias morfológicas e funcionais com base na forma, mineralogia e comparações com outros contextos. A arqueologia do Império foi fortemente marcada pelo primeiro estágio do histórico-culturalismo, influenciada pelo evolucionismo cultural unilinear e difusionismo, o seu principal objetivo era categorizar e dar sentido ao novo mundo imperial e a construção do passado da nação brasileira (ALVES E GASPAR, 2023).

O período abordado neste artigo, entre 1890 e 1930, pode ser considerado o início da arqueologia republicana e a continuação de uma arqueologia histórico-cultural evolucionista com a inclusão de novas ideias, mas tem relativamente poucos avanços, pois é um período marcado por conturbações da República Velha. Representa, também, uma transição para uma arqueologia mais moderna que acaba com coincidir com o Estado Novo. Como fontes para estabelecer períodos, histórico e desenvolvimento teórico e metodológico das pesquisas apoiamos-nos principalmente nos trabalhos de arqueólogos, historiadores e jornalistas como Fausto (1995), Bahn (1996), Morales (1998), Lima (1999–2000), Barreto (1999–2000), Gaspar (2000), Trigger (2004), Langer (2005), Ferreira (2005, 2009), Bueno (2010), Torres (2018), Funari (2018) e Prous (2019). A base fundamental são as obras dos próprios pesquisadores do período como Löfgren (1893), Ihering (1895, 1903, 1904a, 1904b), Paldaof (1900), Krone (1902, 1914), Leão (1919), Gualberto (1927) e Abreu (1928, 1932).

aos territórios com sambaquis. Enquanto o sufixo “eiro” denota profissão ou atividade, e, portanto, seria o povo construtor de sambaquis, pode e é constantemente utilizada na arqueologia, mas não traz a ideia de pertencimento ou origem. Podemos refletir também se “sambaqueiro” não poderia denotar a ideia de “profissão” de construir o sambaqui, levando a reflexão se todos os indivíduos do grupo participavam dessa atividade ou se haviam “especialistas”. Curiosamente, “brasileiro” é justamente um exemplo contrário ao nosso argumento, embora venha historicamente dos exploradores de pau-brasil durante a colônia, fica então a critério pessoal de cada pesquisador. Ver a breve discussão no mesmo sentido em Scheel-Ybert, Boyadjian e Capucho (2022, p. 5).

A NOVA ARQUEOLOGIA REPUBLICANA HISTÓRICO-CULTURAL (1890-1920)

Em 15 de novembro de 1889, com um levante de tropas lideradas pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892), o gabinete de Ouro Preto foi derrubado e com ele o Império. O fim do antigo regime monárquico abalou também as suas instituições que foram assumidas pelo novo modelo republicano. Segundo Langer (2005, p. 102), a arqueologia nacional nesse período sofreu uma súbita decadência, com significativo impacto tanto na qualidade como quantidade de pesquisas, as escavações foram reduzidas ou cessaram e o mesmo ocorreu com as publicações seriadas. A revista *Archivos do Museu Nacional* teve a sua última edição no Império, em 1887, só retornando cinco anos depois. O momento político dos primeiros 10 anos da República fora muito conturbado, começando por um governo provisório ditatorial que fechou o congresso, marcado por escândalos financeiros, coronelismo, repressão a movimentos populares, estado de sítio, crimes políticos e confrontos entre diferentes grupos oligárquicos que não só disputavam o poder com interesses diferentes como, também, divergiam na concepção sobre a organização da República (FAUSTO, 1995, p. 245; BUENO, 2010, p. 250). No cenário internacional, coincide com a I Guerra Mundial (1914–1918). Com um clima de instabilidade política, houve uma queda na produção científica e, segundo Prous (2019, p. 20), até 1950 poucas informações foram incorporadas ao que já se conhecia sobre arqueologia brasileira.

Barreto (1999–2000, p. 40) considera, também, que este foi um período de decadência dos grandes museus nacionais que abandonaram o seu modelo enciclopédico, voltando-se para as ciências naturais. Outro fator responsável pela queda da produção científica foi uma mudança de interesse da antropologia, principalmente a partir da década de 1920, tendo como temas de estudos a formação do povo brasileiro moderno e miscigenação racial das novas populações emigradas. O interesse pelos nativos foi direcionado para as questões de integração social, enquanto o seu passado deixou de mobilizar a comunidade científica.

É fora dos museus, nas inúmeras sociedades históricas e geográficas que se criaram no novo Brasil republicano, que a arqueologia surgiu de forma mais popularizada. O ciclo de busca a cidades perdidas foi intensificado nas primeiras décadas do século XX, acrescido de inúmeras interpretações místicas de inscrições rupestres, propiciando abundante literatura nos jornais da época. À medida que ia se desbravando o território nacional, as fictícias cidades, pirâmides, escritos fenícios, etc., iam se deslocando para cada vez mais longe, permanecendo contudo no imaginário popular de forma cada vez mais romântica. (BARRETO, 1999-2000, p. 39).

Lima (1999–2000, p. 288) por outro lado, aponta que o final do século XIX foi um período de particular efervescência nos estudos dos sambaquis, sendo o Museu Nacional um grande promotor de expedições. De fato, o Museu Nacional foi a única das grandes instituições científicas do Império a continuar a produzir durante a República.

O Estado republicano também propiciou expedições científicas, entre 1886 e 1931, por exemplo, esteve ativa a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, financiada pela elite cafeeira e apoiada por representantes tanto do Partido Conservador como do Partido Liberal. Essa comissão foi inicialmente confiada a Orville Adalbert Derby (1851–1915) promovendo o mapeamento geológico e geográfico, além do levantamento de fauna, flora, terras férteis e, explorações nos sambaquis da costa de São Paulo, com participação de Johan Albert Constantin Löfgren (1854–1918) e outros especialistas de diversas áreas. Resultou na publicação de Löfgren, em 1893, no Boletim da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo, intitulada “Contribuições para a Archaeologia Paulista”.

Segundo o próprio autor, o objetivo do artigo é reunir o maior número possível de dados relativos à história dos sambaquis da costa de São Paulo. De fato, Löfgren lista a bibliografia já existente, prática que não era frequente neste século, desde fontes do Brasil colonial como Fernão Cardim (1549–1625), Padre Manuel de Nóbrega (1517–1570) e Hans Staden (1525–1576), até estudiosos do Brasil Império como Guilherme Schüch de Capanema (1824–1908), Charles Frederick Hartt (1840–1878), Hermann von Ihering (1850–1930), Carlos von Koseritz (1830–1890), João Batista Lacerda (1846–1915), Domingos Soares Ferreira Penna (1818–1888), Carl Friedrich Joseph Rath (1802–1876), Ládisláu Netto (1838–1894), Charles Wiener (1851–1913) e outros. A compilação de diversos trabalhos e os dados levantados pelas explorações do autor permitiram a pioneira tentativa de sistematização dos sambaquis em escala regional, uma característica da incipiente arqueologia histórica-cultural brasileira. Löfgren afirma que apesar da irregularidade da distribuição dos sambaquis pela costa de São Paulo, é possível definir que se organizavam em 4 centros ou agrupamentos principais, onde vários sítios se encontrariam a pouca distância uns dos outros, além de sambaquis isolados. O primeiro agrupamento é o da Ilha de São Vicente e arredores, o segundo Ilha de Santo Amaro e todo o Canal de Bertioga, o terceiro formado por grupos esparsos nas margens dos Rios Una, Comprido, Ribeira e Iguape, e o quarto centro é o maior em extensão e abrange desde a Barra de Icapara até a do Ararapira ao sul. Menciona, ainda, que nos trabalhos da Comissão foram identificados 136 sambaquis em São Paulo (LÖFGREN, 1893, p. 18).

Para organizar os materiais recuperados nestes sambaquis, Löfgren opta por fazer uma inusitada divisão em duas categorias conforme as atividades envolvidas na deposição dos materiais. A primeira abrangeria tudo que pode ser considerado “restos de cosinha”, composta pelos resíduos de alimentação que dão forma ao sítio. Segundo o autor, do seu estudo pode-se descobrir sobre a vida material de tais populações e a sua relação com o ambiente, incluindo como exemplos os ossos de peixes, mamíferos, pássaros e conchas de moluscos. A segunda categoria é denominada “materiaes accidentaes”, são os objetos perdidos ou descartados por não possuírem mais função. Pela investigação de tais artefatos seria possível entender melhor a vida moral e íntima de tais grupos, quais as suas instituições e grau de civilização e é importante destacar que inclui nesta categoria esqueletos humanos e artefatos (LÖFGREN, 1893, p. 53). No sistema de classificação elaborado por LÖFGREN chama a atenção considerar esqueletos de pessoas

como objetos descartados e não como algo central na vida humana. A divisão, restos de cozinha x materiais acidentais, reflete um entendimento positivista e cartesiano da dualidade entre vida moral e vida material, esferas que estariam relacionadas às diferentes classes de materiais, porém conectadas, uma vez que o desenvolvimento moral seria dependente do desenvolvimento técnico. A partir dessa perspectiva os artefatos líticos seriam meios de se entender a esfera moral e posicionar esta cultura na escala evolutiva das civilizações.

Segundo João Camilo de Oliveira Torres (2018), o positivismo preencheu uma lacuna na cultura brasileira com sua filosofia elaborada racionalmente e com critérios considerados como seguros. Sendo o positivismo uma concepção de universo e de valores construída de forma sistemática e rigorosa, originárias das doutrinas de Isidore Auguste Comte (1798–1857). No Brasil, as ideias de Comte começam a aparecer na década de 1850 em teses científicas de disciplinas como matemática e física em instituições do exército, como a Escola Militar. A partir de 1870, o positivismo como doutrina ganha nova força com a adesão de nomes como Benjamim Constant Botelho de Magalhães (1836–1891) e a fundação da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro em 1878, além da criação de revistas e jornais. Assim, o movimento positivista no Brasil começou no Império e se organizou como uma das filosofias orientadoras da República. Essa filosofia, muito baseada na matemática, entendia a república como o estado final de evolução política da humanidade, e preconizava a criação de um estado positivo, pacífico, industrial e tecnocrata. Considerava outras formas de conhecimento, como teológico, que busca explicações em entidades supranaturais como deuses, e o metafísico, que utiliza de entidades abstratas como o mercado, inimigas da ciência que buscaria explicações por meio de observações empíricas e descoberta de leis naturais. A ciência era tomada como orientadora da sociedade que só poderia continuar a evoluir, seguindo uma rígida ordem racional. Nesse sentido, a evolução moral de uma sociedade é dependente do seu desenvolvimento técnico, pois se valorizava o conhecimento técnico acima de tudo e como motor dos outros desenvolvimentos.

Obviamente que o positivismo no Brasil teve que conviver com contradições, uma vez que não faltaram católicos, militares e liberais positivistas. Segundo Boris Fausto (1995, p. 246) foi com o governo de Floriano Vieira Peixoto (1839-1895) que o positivismo se torna a corrente orientadora pois:

Embora Floriano não fosse positivista e tivesse participado também da Guerra do Paraguai, os oficiais que se reuniam à sua volta possuíam outras características. Eram jovens que haviam freqüentado a Escola Militar e recebido a influência do positivismo. Concebiam sua inserção na sociedade como soldados-cidadões, com a missão de dar um sentido aos rumos do país. A República deveria ter ordem e também progresso. Progresso significava, como vimos, a modernização da sociedade através da ampliação dos conhecimentos técnicos, do crescimento da indústria, da expansão das comunicações. (FAUSTO, 1995, p. 246).

Voltando a contribuição de Löfgren para São Paulo, o autor menciona que os artefatos líticos são bastante numerosos, porém com pouca variedade de tipos definidos pela função presumida da peça, denominados de pedras de amolar, mós, cunhas, machados, abridores de ostras, almofarizes e pedras brutas com marcas de uso (Fig.2, em anexo). A maioria dos objetos são feitos de diferentes diabásios e poucos de outros materiais, destaca que foi encontrada somente uma ponta de flecha mal-acabada produzida em quartzo. Sobre os machados afirma que possuem formas variadas e pouco diferenciáveis para separar em categorias, a principal particularidade das peças está relacionada com o acabamento. A maioria era feita de diabásio lascado, sendo que poucos receberam polimento (Fig. 2 - X e XI) (LÖFGREN, 1893, p. 60).

Para ele, o grau de acabamento do objeto, ou seja, o seu refino seria uma característica importante que demonstraria avanço técnico e por consequência moral. Cabe destacar que os sambaquianos não eram percebidos como muito desenvolvidos, então as características dos artefatos haviam de ser explicadas dentro dessa concepção, considerando o esforço despendido na tarefa de produção. Segundo essa perspectiva, se uma rocha era de fácil trabalho poderia ter um bom acabamento, mas se era dura e difícil só poderia ter um acabamento mais simples. Os machados melhor trabalhados são interpretados como resultado de trocas, pois os construtores dos sambaquis não poderiam fazer objetos tão complexos ou bem-acabados. Como exemplificação de seu argumento cita um machado de nefrite em forma de âncora e com extraordinário acabamento encontrado no interior do país, o objeto é tomado como prova da diferença de grau civilizacional entre grupos do litoral e do interior. Ocorre o mesmo com o almofariz descrito como uma grande peça triangular côncava dos dois lados, com marcas de uso e bordas muito bem polidas, achado no Rio Saputanduva próximo a um sambaqui (Fig. 2 – IX). O acabamento da peça leva-o a concluir que: “Suppômos entretanto que este almofariz è de origem mais moderna e não pertence ao povo dos sambaquis talvez porque o acabamento parece-nos superior ao gráo de habilidade que podemos attribuir-lhe”. (LÖFGREN, 1893, p. 61).

Löfgren tenta, também, responder as principais questões referentes aos sambaquis no século XIX. Qual a origem e para que fim foram construídos? Por que motivo foram colocados nos lugares que hoje são encontrados? Qual a sua antiguidade? Qual povo construiu os sambaquis? E qual o seu valor etnológico e arqueológico? Sobre origem informa não ter conhecimento de sambaquis naturais, considera que concheiros naturais formam depósitos em formatos distintos dos sítios arqueológicos. Rejeita a ideia de sambaquis monumentais e funerários, pois pela disposição irregular dos esqueletos humanos encontrados, normalmente fragmentados e em pequenas quantidades, não seriam túmulos e sim restos de canibalismo. Interpreta, então, os sambaquis como locais de moradias temporárias que a indolência da população resultava na lenta acumulação de restos de cozinha. Por já serem encontrados no momento da chegada dos europeus em condições parecidas como no século XIX, abandonados e cobertos por vegetação, e alguns possuírem grandes dimensões e tendo conseqüentemente sido construídos ao longo de muito tempo, conclui que os sambaquis possuem pelo menos 6 séculos ou mais.

Sobre o valor científico dos sambaquis, Löfgren afirma que em nada são inferiores aos

kjökkenmodding, para ele ambos muito semelhantes, cujo estudo deram o principal impulso para o desenvolvimento da arqueologia na Europa, permitindo a classificação de épocas históricas. Seriam inclusive mais importantes, uma vez que a pesquisa arqueológica no Brasil é dificultada pela falta de documentos escritos pré-colombianos, pela impossibilidade de aplicar o modelo de divisão da pré-história europeia e pelo fato de não ter sido determinado ainda se o Homem de Lagoa Santa, o Homem do Sambaqui e os nativos históricos são diferentes, idênticos ou descendentes um do outro, nem se são autóctones ou emigrados. Por fim, frisa a importância que o estudo desses sítios tem para a arqueologia brasileira e para a ciência em geral, podendo lançar luz para várias questões acerca da pré-história brasileira. Compara a destruição desses sítios para fabricação da cal com o incêndio da Grande Biblioteca de Alexandria (LÖFGREN, 1893, p. 88).

A posição dos artefatos líticos na construção da sua interpretação possui um papel invertido em relação às pesquisas imperiais anteriores, que confirmaram a ideia da inferioridade evolutiva, moral e técnica dos construtores de sambaquis. Löfgren, por sua vez, parte desse mesmo entendimento para interpretar os artefatos, porém os objetos não são utilizados para explicar a posição da sociedade sambaquiana na escala evolutiva, mas sim interpretados a partir dessa posição pré-definida. Considera que os artefatos estão relacionados à vida moral da sociedade e os objetos provenientes dos sambaquis são inerentemente inferiores. Qualquer exemplar que apresentasse indícios que contrariassem essa premissa, foi tomado como exógeno ou obtido facilmente em decorrência da natureza do material, quer seja pela existência de formas naturais ou rochas fáceis de trabalhar. Reproduz, ainda, as narrativas imperiais que mesmo discordantes sobre o grau de evolução dos sambaquianos nunca admitiam um grande desenvolvimento para os nativos brasileiros.

Com a República, também, começam a atuar novas instituições como o Museu Paulista, inaugurado em 7 de setembro de 1895. Na primeira edição da Revista do Museu Paulista é divulgado extenso artigo do primeiro diretor da instituição, Herman von Ihering, intitulado “A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional”. Ihering foi um pesquisador alemão formado em medicina e doutor em paleontologia e zoologia pela Universidade de Götting. Em 1883 foi nomeado primeiramente como naturalista viajante do Museu Nacional, atuando principalmente na região da Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul, experiência primordial para a formulação das suas ideias acerca dos sambaquianos (FERREIRA, 2009, p. 63).

A publicação representou um contraponto em relação a algumas das noções dos pesquisadores imperiais sobre os sambaquis. Neste artigo Ihering apresenta, pela primeira vez, formalmente e no Brasil, as suas principais ideias, entende os sambaquianos como “um povo de pescadores que moravam ao longo da costa, vivendo de peixes do mar e moluscos.” (IHERING, 1895, p. 102), chega a identificá-los como o “Povo Patos,” ocupando territórios no entorno das numerosas lagoas do litoral sul do Brasil. Evoca as noções difusionistas de Netto (1885, p. 505) quando afirma que existia uma cultura superior diferente dos indígenas brasileiros cujas influências vindas do Oeste podiam ser encontradas nas tribos daqui. Porém, Ihering não considera os sambaquia-

nos como representantes civilizados ou herdeiros desse povo por não produzirem ornamentos, ou instrumentos particulares. Conclui que nos Andes havia um centro de influência cultural que se propagou em ondas de tribo em tribo e atingiu toda a América do Sul, essa influência seria visível em objetos “superiores” encontrados em sítios antigos pelo litoral brasileiro, como machados circulares perclusos e objetos de metal que viriam do próprio Andes (IHERING, 1895, p. 95).

Nos tempos precolumbicos não havia na América do Sul senão um só centro de civilização superior, isto é o território peruano-boliviano situado nos Andes, o qual directa e indirectamente tem influído na cultura dos outros povos da América do Sul por um espaço muito maior do que se presume ordinariamente. (IHERING, 1895, p. 154-155).

Sobre sambaquis do Rio Grande do Sul, por exemplo, informa que encontrou fragmentos de urnas, artefatos de pedra polida como machados entalhados com um sulco circular e pontas de flecha lascadas, além de restos faunísticos e enterramentos humanos. Os artefatos líticos dos sambaquis, também, seriam utilizados para argumentar a não aplicabilidade da divisão da pré-história europeia no Brasil. Para Ihering, artefatos polidos e lascados coexistiam e a diferença de técnica se daria pelo tipo de artefato, assim, mãos de pilão e machados são normalmente polidos enquanto pontas de flechas são lascadas (IHERING, 1895, p. 61).

Ihering faz ainda uma compilação das informações disponíveis sobre artefatos líticos antigos encontrados no Rio Grande do Sul, citando as coleções do Museu Nacional, Museu de Berlim, Museu de Leiden, além de coleções particulares como a reunida por Koseritz e outros. No que se refere aos artefatos mais recorrentes (machados circulares perfurados, semicirculares, entalhados, quebra-nozes, pedras sulcadas, tembetás e bolas), faz descrições mais detalhadas e apresenta as características principais de forma e composição, uso presumido, proveniência e comparações com contextos de outros estados e países. Alguns desses foram recuperados em sambaquis de Santa Catarina e Paraná como quebra-nozes e os machados entalhados, segundo o autor a distribuição dessas peças indica a extensão do território da “tribu dos Patos” (IHERING, 1895, p. 69).

Apesar de Ihering utilizar algumas abordagens e concepções criadas por arqueólogos do império, faz um contraponto quando revisita a discussão acerca da origem dos sambaquis, uma vez que defende a origem natural desses sítios. O autor considera que os sambaquis são frutos de um processo geológico e biológico como o soerguimento do continente, recuo do mar e os compara com os bancos de conchas ativos em Paranaguá que, segundo ele, apresentariam uma estratigrafia semelhante. Na sua interpretação, os artefatos teriam sido perdidos por pessoas que viviam no momento de formação destes antigos concheiros e os esqueletos humanos seriam de pessoas afogadas. Assim, a eventual ocupação dos montes pelas populações nativas poderia ser pré e pós-colombiano e o “Povo dos Patos” teria ocupado Santa Catarina e Paraná até pouco depois do “descobrimento” (IHERING, 1895, p. 69).

Ihering foi o maior defensor da tese naturalista, enquanto os estudiosos do período impe-

rial, pelo menos na sua maioria, consideravam a origem antrópica desses sítios. Com a República e a frente da nova grande instituição, o Museu Paulista, Ihering e as suas ideias foram muito influentes. Segundo Prous (2019, p. 18), logo após a queda do Império o Museu Paulista se tornaria um grande rival do Museu Nacional, fruto de um antagonismo entre uma instituição republicana e outra imperial. De fato, a origem dos sambaquis seria discutida até a década de 1950.

Já se tem escripto muitissimo sobre os Sambaquis do littoral brasileiro – sem que tenha, todavia, havido algum estudo verdadeiramente profundo, emprehendido por pessoa competente, com o preciso methodo e perseverança. Encetar tal estudo, seria condigna tarefa de alguma corporação scientifica, representada por especialistas, e não só na archaeologia, como tambem como concurso do geologo e do zoologo, pois que, dos exploradores leigos e diletantes, não há que esperar mais do que já tem sido dito e repetido. Justamente o predominante interesse anthropologico, despertado pelos Sambaquis, foi tambem a causa do insuccesso. Dahi proveiu, como natural base e ponto de partida para taes explorações, a preconcebida opnião de serem estes montões de conchas os seculares restos de refeições de gerações humanas. (IHERING, 1903, p. 447).

Ihering modificou sua interpretação e desenvolveu algumas das suas ideias em artigos posteriores, como em “A origem dos Sambaquis”, de 1903, publicado na Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo. Nesse artigo, apesar de continuar a defender a origem natural com base nos seus estudos zoológicos das conchas dos sambaquis de Boguaçú e Teodolico, na Baía do Paranaguá no Paraná, modifica a sua opinião. Passa a aceitar que existem sambaquis naturais produzidos pelo recuo do mar e acumulação de conchas, sendo estes os grandes sambaquis, e existem os pseudo-sambaquis artificiais do Rio Grande do Sul, que apresentam terra preta, ossos de peixes, mamíferos, conchas, cerâmica, carvões e artefatos. Nos sambaquis verdadeiros e naturais a presença de artefatos seria explicada pelo naufrágio de embarcações e por tempestades que transportariam pedras de outros lugares, chegando a admitir que talvez os nativos pudessem usar sambaquis naturais como locais para enterrar os mortos (IHERING, 1903, p. 452).

No ano seguinte, em 1904, publica um extenso trabalho intitulado “Archaeologia comparativa do Brazil” novamente na Revista do Museu Paulista. Informa sobre a aquisição da coleção dos irmãos Barbedo e da coleção de Koseritz pela instituição e que com o seu estudo mudou novamente de opinião sobre os sambaquis. Através da análise de alguns crânios conclui que os sambaquianos eram bem anteriores aos Tupi e que podiam estar relacionados ao povo de Lagoa Santa, aos Botocudo ou Jê. Também expande a sua descrição dos artefatos líticos provenientes dos sambaquis, sendo os mais comuns os machados “toscamente lascados, sendo polidos só na extremidade cortante” (IHERING, 1904a, p. 539).

Ihering propõe uma divisão do Brasil em diferentes “províncias arqueológicas” e as correlaciona com diferentes culturas. Assim, a província sambaquiiana se estende do norte do Rio

Grande do Sul até o Rio de Janeiro e talvez Bahia e se caracteriza pelos machados polidos, mãos de pilão, vários artefatos de caráter mais simples e “morteiros zoomorfos” que representariam o mais alto grau de aperfeiçoamento da indústria sambaquiana (IHERING, 1904a, p. 563). Trata-se de uma relevante mudança de opinião, ao considerar que as esculturas em pedra são provenientes dos sambaquis e não exógenas, como fica evidente em uma das suas representações gráficas da indústria lítica que contem principalmente artefatos polidos, incluindo um zoólito (Fig. 3, em anexo).

Segundo Ferreira (2005, p. 416), Herman von Ihering tinha ambição científica em produzir sínteses regionais, norteado pelo modelo histórico-cultural entendia o conceito de cultura arqueológica como um conjunto de artefatos semelhantes e datados de um período específico que representaria uma unidade cultural, um povo e um território. Assim, essa questão geográfica do território era atrelada às características dos artefatos arqueológicos e a definição de diferentes culturas. Simultaneamente, era também um difusionista influenciado pelos trabalhos de Friedrich Ratzel (1844–1904) e Franz Boas (1858–1942), e em parte a sua metodologia era fruto da sua formação como naturalista participante da ciência humboldiana, que buscava investigar de maneira objetiva grandes territórios com a criação de mapas e estudos de classificação e distribuição diversos, como biogeográfica, demográfica e topográfica. Tinha como a meta organizar coleções, áreas, províncias e nações.

Trigger (2004, p. 148) nos apresenta uma síntese do difusionismo de Ratzel. Segundo essa linha teórica, as invenções e inovações técnicas eram raras e não se devia considerar que uma mesma invenção tivesse ocorrido mais de uma vez na história. Partindo desse princípio, as mudanças culturais eram entendidas como resultado de circulação de ideias ou migração de povos. Perspectiva abraçada por Boas, que era crítico ao evolucionismo cultural, para ele cada cultura deveria ser entendida dentro das suas particularidades. Dois conceitos-chave norteavam as reflexões, o relativismo cultural, que negava a existência de um padrão universal de desenvolvimento e o particularismo histórico, que considerava cada cultura como um produto da sua própria sequência de desenvolvimento. O difusionismo era tomado como o motor dessa mudança.

Outra grande influência difusionista foi Leo Frobenius (1873-1908) pesquisador que forjou em 1900 a expressão “círculos culturais” (*Kulturkreise*) entendidos como circuitos de circulação de instituições, ideias e artefatos através dos quais grupos mais “civilizados” ensinariam e transmitiriam as suas invenções para os grupos mais “primitivos”. É muito provável que Frobenius tenha sido a inspiração para a ideia proposta por Ihering de círculos ondulatórios dos Andes para o Sul do Brasil (FERREIRA, 2009, p. 65).

Para isolar etnias, buscar regularidades ou diferenças culturais que apontariam para rotas de migração, redes de trocas e extensão de territórios, um dos métodos que Ihering utilizou ao estudar coleções foi investigar geometria e geografia dos artefatos, teve em vista conhecer propriedades como forma, dimensão, função e traçar paralelos e comparações com outros exemplos arqueológicos e etnográficos, somados com análises cartográficas (FERREIRA, 2005, p. 420).

Um dos exemplos desse método de traçar paralelos de dados etnográfico e arqueológicos é notável no artigo “Resíduos da idade de pedra na cultura actual do Brazil”, publicado em 1904. Ihering considera que uma série de artefatos e técnicas tradicionais utilizadas na sua época teriam uma ligação histórica com artefatos e técnicas antigas dos povos indígenas. Assim, busca em observações etnográficas de pescadores modernos e estudos de linguística sobre grupos tupi, pistas sobre as funções desses tipos de artefatos. “Pedras-martello”, por exemplo, seriam abundantes em sambaquis e se caracterizariam como pedras com duas faces planas e bordas convexas, de forma oval ou redonda. No centro de cada face se encontram pequenos buracos, eram chamadas, também, de quebra-nozes ou pedras de covinhas. Ihering cita relato sobre um pescador de Santa Catarina que utilizava uma pedra semelhante como martelo para um formão, a fim de retirar moluscos de um rochedo, além da etimologia tupi que seria ita-nupandab ou “pedra com que se bate” (IHERING, 1904b, p. 571).

O estudo destes objectos primitivos que em grande parte ainda hoje são os mesmos como quando usados pelos indígenas na época da descoberta, é de grande interesse para a compreensão exacta dos instrumentos e utensilios que formam o objecto da archeologia brasileira. Procurei por esta razão colleccionar os referidos utensilios da população costeira e a instructiva colecção que em parte aqui estou expondo (...). (IHERING, 1904b, p. 570).

Ferreira (2005, p. 431) considera que os seus trabalhos e hipóteses sobre o povoamento pré-histórico do Sul do Brasil são parte de um projeto político de colonialismo interno², Ihering era partidário das teses eugenistas, herdeiro do nacionalismo do século XIX. Produziu mapas que localizavam os grupos indígenas no espaço com a intenção de facilitar a dominação e hegemonia das elites dos territórios ocupados pelos “índios bravios” que representavam uma ameaça para o mundo colonial do Sul do Brasil com as plantações de café e colonos europeus. Legitimava cientificamente uma hierarquia política baseada em um governo racial.

A própria síntese arqueológica de von Ihering sobre o Sul do Brasil funciona como uma arma para as guerras de posição, é instrumento de defesa da hegemonia de uma elite e da propriedade privada. Ela estabelece um conhecimento positivo, um saber técnico, capaz de ajustar os mecanismos de um governo racial. Pode ser lida, ainda, como uma alegoria para o presente de São Paulo e do Brasil republicano – se no passado pré-histórico a proximidade com os “círculos ondulatórios” dos Andes civilizou os índios, no presente estes se civilizarão apenas se se aproximarem do patronado de cientistas, que laboram planos de colonização e fundam, como o fez von Ihering em 1901, instituições

2 Segundo Ferreira (2009, p. 69) colonialismo interno é entendido aqui como uma força política acionada a partir de dentro de uma fronteira nacional, ocorrendo quando uma elite utiliza a ciência ou o exército para imaginar geografias, classificar, governar e expropriar populações.

ocupadas com a Etnografia e Civilização dos Índios (von Hering, 1911, p. 122-123). Àqueles que estão distantes da civilização, aos que cometem “assantos” e não possuem qualquer “interesse etnológico”, cabe-lhes a política da força, a política de extermínio, que é, afinal de contas, também ela uma política colonial (FERREIRA, 2005, p. 431-432).

O Museu Paulista, sob a direção de Ihering, inclusive promoveu expedições arqueológicas e etnográficas para compor mapas de distribuição geográfica, levantar a demografia e estatística dos indígenas. Informações disponíveis na publicação “A questão dos índios do Brasil”, de 1911, defendia que a maneira correta de governar os indígenas era com métodos de educação ocidental e ilhando-os em linhas de fortificações, para assegurar a civilização (FERREIRA, 2009, p. 69).

As pesquisas arqueológicas de Ihering, em larga medida resultantes de seus diálogos e cooperações com os museus e cientistas argentinos, ilustram bem como as relações internacionais foram cruciais para a formação de teses sobre a pré-história sul-americana em fins do século XIX e começo do XX. Ilustram ainda como as pesquisas arqueológicas, ao circularem mundialmente conformaram-se aos contextos locais e ajudaram a conferir respostas para questões políticas. Assim, se a faceta americanista de Ihering marcou-se pelo diálogo com os argentinos e pela qualidade internacional de seus estudos, lapidou-se também pelo uso da arqueologia para lastrar uma política colonial. (FERREIRA, 2009, p. 72).

Conforme as escavações e pesquisas arqueológicas foram se desenvolvendo desde metade do século XIX, foram se acumulando, também, artefatos e informações. Coleções foram formadas e utilizadas nas primeiras sistematizações, abordagem iniciada por Netto (1885) e ampliada por Ihering (1903, 1904). Algumas delas se perderiam com o tempo, a primeira coleção reunida por Koseritz foi destruída em um incêndio na exposição brasileira-alemã de Porto Alegre, em 1882. Outra coleção importante para os estudos de sambaquis foi a reunida pelos irmãos Barbedo do Rio Grande do Sul, posteriormente comprada pelo Museu Paulista.

Essa coleção, muito bem descrita por J. M. Paldaof (1900), foi uma das bases para os estudos mais sistemáticos de sambaquis do Rio Grande do Sul. Foi dividida por Paldaof (1900, p. 339) em diferentes categorias que incluem principalmente artefatos líticos como machados, pontas de flechas, bolas, tembetás e zoólitos, mas também objetos cerâmicos como cachimbos e panelas, e até um machado de ferro, vindos de uma diversidade de contextos arqueológicos do Rio Grande do Sul. No que se refere aos sambaquis, menciona que foram encontrados muitos machados quadrangulares, sendo que na coleção há 80 exemplares e o maior, encontrado no Sambaqui Mostardas³, possui 28 x 12cm. Também há 5 machados entalhados, 6 bolas, interpretados como enfeites, provenientes do Sambaqui de Torres⁴, um tembetá de algum sambaqui oceânico

3 Localizado no município de Mostardas (RS)

4 Localizado no município de Torres (RS).

não identificado, 15 pilões, diversas facas, 20 “quebra-nozes”, 2 almofarizes, 1 “pedra de grés” e 1 enfeite em forma cilíndrica.

Algumas das suas descrições são interessantes, cita, por exemplo, que o maior pilão da coleção possui 67 x 30 cm, e o considera mais como uma arma do que uma ferramenta. Os almofarizes estilizados possuem forma de uma pomba agachada e o outro de cruz, mas não os inclui entre os zoólitos, que para o autor eram praticamente inexistentes no estado. Por outro lado, considera que o único que integra a coleção seria uma cabeça de onça feita em calcário, encontrada em um vaso cerâmico às margens do Rio Vaccacahy, e que curiosamente não aparece na ilustração (Fig. 4, em anexo). Assim, artefatos que hoje seriam classificados como zoólitos não o eram para Paldaof, que reservava essa categoria para um artefato proveniente de um sítio que não era um sambaqui. Interpretação que pode estar relacionada com o seu entendimento que esse tipo de sítio era por ele considerado como pós-colombianos, uma vez que teria encontrado no Sambaqui de Cidreira⁵ uma bala redonda de espingarda feita em chumbo. Dessa forma, os sambaquis poderiam ser relacionados a artefatos de contextos mais recentes e cerâmicos (PAL-DAOF, 1900, p. 347).

Curioso notar que os desenhos (Fig. 4), apesar de detalhados, podem não ser exatamente realistas, pois apresentam artefatos bem diferentes de outras ilustrações do Império e da República, além de também serem distintos dos recuperados por pesquisas modernas. É interessante notar, também, que os desenhos estão assinados por Lith Lichtenberger, pessoa de nacionalidade alemã, mas que infelizmente não encontramos muitas informações. Podemos supor que era alguém que trabalhava com ilustrações, desenhos e ligada ao Museu Paulista, uma vez que a sua assinatura também aparece na “Carte de progresso da Comissão Geographica e Geologica de S. Paulo”, de 1901, no acervo do Museu Paulista.

Outra pesquisa regional de orientação histórico-cultural e evolucionista que teve como base principalmente os trabalhos de Löfgren e Ihering, foi a produzida pelo alemão Sigismund Ernst Richard Krone (1861–1917), conhecido pela exploração e descoberta de diversas cavernas e por sua contribuição nos estudos sobre variações do nível do mar utilizando os sambaquis. Porém, a sua colaboração não se limitou a esses temas, Krone estudou instrumentos líticos procedentes de sambaquis, produziu uma síntese regional para uma parte de São Paulo e se envolveu nas abrangentes discussões sobre o grau de evolução e migração dos povos sambaquianos. Como apontado por Morales (1998, p. 281), Krone sempre assumiu uma origem antrópica para os sambaquis, considerando inclusive essa discussão uma perda de tempo e, apesar de participar, não priorizava o tema como Löfgren e Ihering, no mesmo período.

O seu primeiro trabalho sobre os sambaquis foi publicado em 1902, intitulado “Contribuições para a ethnologia paulista”. Apresenta um esboço de suas ideias e conclusões da investigação no Vale do Ribeira do Iguape, no litoral de São Paulo, considerado por ele como o 3º centro delimitado por Löfgren, composto pelo agrupamento de sambaquis esparsos nas margens dos rios Una, Comprido, Ribeira e Iguape. O texto é voltado principalmente para os crânios e esque-

5 Localizado no município de Cidreiras (RS).

letos, considerados pelo autor como a maior fonte de informação existente. Krone, também, faz apontamentos iniciais sobre uma divisão por idade dos sambaquis, destacando a existência de sambaquis modernos e antigos, que indicariam diferentes momentos de linha de costa, uma vez que os sítios sempre seriam construídos e ocupados próximos do litoral e das fontes de alimento. Assim, a variação da linha de costa faria as populações sambaquianas gradativamente migrarem acompanhando este movimento (KRONE, 1902).

Em 1908, publica o seu texto mais completo com o título de “Informações etnographicas do Valle do Rio Ribeira de Iguape”, resultado de 20 anos de pesquisas na região. Sobre a divisão em idades dos sambaquis, informa que não só há antigos e modernos como uma sucessão de intermediários entre os dois extremos. Os mais antigos estariam localizados longe da costa atual, pois as conchas de ostras que os formaram seriam encontradas em antigos mangues no período em que o mar estava mais elevado, apoiava sua reflexão no princípio da proximidade dos locais de coleta em relação a localização dos sítios. Já os mais modernos seriam constituídos de berbigões, encontrados nos atuais ambientes costeiros (KRONE, 1914, p. 24)⁶.

Para Krone os sambaquis são definitivamente artificiais, pois nas suas camadas são encontrados fogueiras, cinzas, carvões, restos de peixes e apresentam uma homogeneidade das camadas que indicaria um processo de formação gradual, lento e sem interrupções. A presença de lodo “trazido acidentalmente” e a falta de organização das fogueiras indicaria, também, que os sítios são resultados de descarte alimentar. Para o autor, eram lugares onde diversas famílias moravam, com o crescimento demográfico e conflito interno se separariam formando novos sítios menores. Afirma que todos os sambaquis do Vale da Ribeira representam uma mesma unidade étnica, conservando certos costumes (KRONE, 1914, p. 26).

Assim, não considera que os sambaquianos possuíam grande desenvolvimento intelectual, pela formação dos sambaquis por refugio e não por construção funerária e monumental. Reforça sua percepção a ausência de edificações e pinturas rupestres (KRONE, 1914, p. 23). Outro aspecto que o leva a essa conclusão é o aparente pouco desenvolvimento técnico e estético dos instrumentos líticos e ósseos. O autor afirma ter encontrado diversos desses artefatos em todas as camadas dos sambaquis, como pontas de flechas de vários minerais e ossos, pederneiras de “bolotes de pirito de ferro”, enfeites ósseos, de quartzito e diorito (pequenas rodela) e machados líticos. Esses artefatos representariam um crescente grau de aperfeiçoamento, como indicado pelas lâminas de machados, que em sambaquis antigos só possuiriam o gume polido e alisado, enquanto nos sambaquis modernos todo o instrumento seria alisado e polido (KRONE, 1914, p. 27).

Interessante notar na ilustração de 1908 (Fig. 5, em anexo) a predominância de artefatos líticos lascados. Como discutido anteriormente, os pesquisadores davam uma atenção muito maior para os polidos, que dominavam as ilustrações, assim como as discussões, sendo provavelmente a primeira vez que os lascados aparecem com esse destaque. Os artefatos foram iden-

6 Originalmente o artigo foi publicado em 1908, porém a fonte bibliográfica que utilizada é uma segunda edição de 1914, por esse motivo ocorre a diferença de datas na citação.

tificados por Krone como: pontas de lança de quartzo (1 a 3), raspador de quartzo (4), uma faca de Hornstein⁷ (7), pontas de flecha (8 a 11, 13 a 18), um formão (19), facas (20 a 23) e instrumentos para abrir moluscos (24 a 26).

Na sua análise fica evidente algumas das limitações do método tipológico do período, por exemplo, a categoria funcional era sugerida a partir principalmente da forma. Assim se um artefato lascado era triangular e com ângulos agudos, dependendo do tamanho, seria necessariamente uma ponta de arremesso como lança ou flecha. Ou seja, a classificação excluía outras possibilidades tais como furadores ou mesmo instrumentos cortantes. Outra limitação era a tendência de reunir na mesma categoria funcional artefatos que do ponto de vista tecnológico não teriam necessariamente a mesma função. Vejamos o conjunto de objetos agrupado na categoria “faca”, os instrumentos têm como característica o gume de ângulos agudos, mas Krone inclui nesse conjunto uma lâmina aparentemente plano-convexa e artefatos que parecem ser lascas quase triangulares, com a parte transformativa (gume) curva e , certamente, alguns desses utensílios poderiam ter usos distintos. Apesar da fragilidade característica das classificações da época, é extremamente relevante ressaltar o destaque dado por Krone para os lascados e a diversidade das peças retratadas. São bons exemplos dessa diversidade os objetos identificados como abridores de moluscos (24 a 26).

Na ilustração de número 17 (Fig.5), também há líticos polidos, como um machadinho de “schisto”⁸ (4) e “parelhos de isqueiro” (5 e 6). Krone indica que esses artefatos são provenientes de sambaquis mais modernos, onde também foram encontrados vários artefatos de ossos e instrumentos para fazer fogo. Dessa maneira, para o autor, os lascados então associados aos sítios mais antigos e os polidos aos sambaquis mais modernos, uma aplicação da divisão em Idades da pedra polida e da pedra lascada.

Krone, de forma semelhante a outros autores como Netto, Löfgren e Ihering, também, explica os artefatos mais elaborados como exógenos. As duas esculturas de pedra em forma de pássaros com cavidades ventrais que encontrou, chamadas por ele de “zoomorphos”, foram consideradas herdadas dos seus antepassados de maior habilidade, uma cultura perdida com a migração remota dos sambaquianos para o litoral. Essa afirmação, segundo ele, apoia-se em duas evidências: 1 - não se encontrar nos sambaquis vestígios da fabricação desses artefatos, como lascas e peças quebradas, o contrário do que acontece com instrumentos lascados e lâminas de machado, indicando a fabricação em outro lugar e 2 -. os “zoomorphos” são encontrados, também, na base dos sambaquis, indicando que esse costume já existia no momento inicial de construção dos sítios e que inclusive teria motivado a fabricação de pequenos pilões entre os antepassados dos sambaquianos. Afirmação que parece decorrente dos “zoomorphos” possuírem uma cavidade no ventre do animal representado (KRONE, 1914, p. 29).

7 Hornstein é um termo em alemão para chert, uma rocha sedimentar constituída majoritariamente por sílica.

8 Schisto significa aqui xisto, um nome genérico para vários tipos de rochas metamórficas normalmente laminadas.

Para discutir a função dessas esculturas, Krone utilizou inclusive relatos etnográficos, consultando indígenas sobre a questão. Como narra sua conversa com Ignacio Pequeno, capitão dos Guarani do Rio Itariry:

Este, senhor, eu conheço muito e vi com meu bisavô, que também era capitão. É para baptizar creança. Mas falta uma peça – e vendo e procurando na collecção, pegou em um dos virotes, n. 2 a e 2 b da Est. 34 e observou: ‘Não é bem, mas é quase assim. Indio botava casca de cedro aqui dentro e a moía com agua. Chama-se a isso de agua de cedro. Depois grudava tres velinhas alli na borda, onde tem esta tres falhas. Estas velas custa muito a se fazer e ás vezes levava dias. Porque era de cera de abelhas muito pequenas e que produzem muita pouca cera e não se acha muito. Depois a gente dançava em volta do capitão e este cantava tambem e baptizava a creança com agua de cedro. (KRONE, 1914, p. 29).

Krone, porém, aborda de forma muito mais profunda as questões evolutivas e migratórias no seu artigo de 1911 com título “O Idolo anthropomorfo de Iguape”. Como o nome sugere, o foco é um artefato específico, uma escultura lítica chamada de ídolo antropomorfo (Fig. 7, e anexo), mas também discute craniometria e a ocorrência de cerâmica nos sambaquis. Cabe apontar que a peça já havia sido mencionada brevemente na publicação de 1908, encontrada por Krone próxima ao Sambaqui Morro Grande⁹, considerado um sambaqui moderno. Foi classificada pelo autor como pertencente aos “zoomorphos e ornithomorphos”, destacou o seu “feitio artístico”, alto cuidado do acabamento e as características do material (KRONE, 1911, p. 227).

Já que considerava esse tipo de artefato como exógeno, Krone recorre a Ihering para criar uma interpretação sobre a presença de esculturas nos sambaquis. Considera a hipótese de que os sambaquianos seriam originários dos Andes, onde foram expulsos pelos Calchaquis e migraram em direção ao nascer do sol, sagrado para esses povos. A prova disso seria a similaridade entre os zoólitos brasileiros e esculturas observadas em coleções guardadas em Buenos Aires, na Argentina. Durante essa migração, que teria durado muitas gerações, a índole e os aspectos gerais desse povo teriam se modificado, passando de sedentários para nômades. Essa “modificação” citada pelo autor é impregnada pela noção de degeneração, já que emigrados dos Andes, portanto afastados do centro civilizacional Inca e forçados a uma vida nômade, teriam perdido gradativamente os seus costumes e cultura mais elevada. Esse processo estaria impresso nos artefatos encontrados, ou mais precisamente no grau de acabamento e formalidade estética das peças recuperadas em sambaquis (KRONE, 1911, p. 229).

Certamente passaram de pae para filho os preceitos da sua primitiva religião; e, cautelosamente, procuraram guardar os idolos e outros objetos cultuaes, trazidos da sua patria. As armas, sendo objetos de uso diario, foram gasta e finalmente inutilisadas, mas

9 Localizado no município de Iguape (SP).

substituídas por outras feitas de novo, mais ou menos pelos antigos modelos, porém cada vez menos bem acabadas, até que, para uma ponta de flecha se serviram de uma simples lasca de pedra, ou mal acabaram um corte de machado, contentando-se em dar-lhe um gume. Sem tratar de alisar o resto. São estas as armas encontradas nos primitivos sambaquis (Est. nº 4), distantes dezenas de quilômetros da costa actual, e no fundo de um destes sambaquis tive a fortuna de achar um ornitholitho (Est, nº 3) de feitio primoroso. (KRONE, 1911, p. 229).

Além do processo de degeneração durante a migração haveria, também, o processo inverso, de evolução, que ocorreu quando chegaram à costa brasileira, formaram os sambaquis mais antigos e se tornaram novamente sedentários. Apóia as suas reflexões na sensível diferença entre os artefatos encontrados nos antigos e modernos sambaquis, e destaca um processo de aperfeiçoamento das técnicas de produção, visíveis pelo “crescido gosto de formas e maior dedicação no seu acabamento.” Dessa maneira, com o tempo suas técnicas voltariam a se desenvolver, ficando mais evoluídas nos sambaquis mais recentes. “Resulta d’ahi a conclusão que os aborígenes andinos, embrutecidos durante a longa migração, se tornaram novamente um povo sessil nos sambaquis.” (KRONE, 1911, p. 229).

Por último, Krone discorre sobre a representação humana do ídolo. Considera que o alongamento do crânio representado na peça não pode ser atingido através de deformações naturais ou forçadas, a exemplo dos crânios alongados encontrados nos Andes, e, portanto, a imagem não pode ser interpretada como uma representação fiel. Porém, considera que a forma alongada do rosto corresponde a um prognatismo facial excessivo semelhante ao de um crânio que o autor encontrou em um sambaqui classificado como mais moderno (KRONE, 1911, p. 232). Essa característica de prognatismo excessivo foi usada diversas vezes para argumentar bestialidade, a exemplo dos trabalhos de Lacerda (1882, 1885).

De uma forma geral, Richard Krone dá especial atenção às questões da craniometria, localização dos sítios, níveis de costa e artefatos líticos, utilizando muito da ótica do evolucionismo cultural unilinear para interpretar as evidências elencadas pelo autor. Dessa forma, semelhante a outros autores da época, também tenta encaixar os sambaquianos no modelo hierárquico, considerando-os como primitivos. Em certo sentido, filia-se a corrente defendida por Netto (1885) e Ihering (1895), sendo os sambaquianos descendentes degenerados de um centro civilizador Inca. Prova do processo degenerativo seriam os artefatos zoomorfos herdados desses povos e reproduções simplificadas de outros artefatos líticos presentes nos primeiros sambaquis feitos na costa brasileira. Diferente dos seus contemporâneos e de forma inédita, considera que com a sedentarização e desenvolvimento de uma cultura sambaquiiana na costa haveria ocorrido um progresso evolutivo desse povo. Relaciona, diretamente, nomadismo com primitivismo e sedentarismo com evolução. No seu esquema interpretativo, toma as cerâmicas nos sambaquis mais modernos como indício de que por último o povo dos sambaquis foi substituído por ceramistas ainda mais desenvolvidos.

Apesar de Krone dar continuidade a linhas teóricas que permeavam o sistema racial da ex-colônia característicos da época, produziu, também, contribuições inéditas na arqueologia e em diversas outras disciplinas como geologia, espeleologia, etnografia, farmácia, engenharia, paleontologia e nas artes. De fato, como apontado por Prous (2019, p. 18), os trabalhos de Krone apresentavam notáveis qualidades científicas que só seriam superadas 40 anos depois. Importante ressaltar que em decorrência das suas contribuições, o Vale do Ribeira se tornou um lugar de enorme interesse científico sendo objeto de diversas pesquisas modernas como Barreto (1988), DeBlasis (1989), Robrahn (1989), Calippo (2004, 2008), Neves e Okumura (2005), Plens (2007, 2018), Teixeira et al. (2012), Figuti et al. (2013), dentre outros.

Outro pesquisador que participou do debate relacionado com questões evolucionistas foi Agostino Ermelino Leão (1871-1932), juiz, desembargador, vice-presidente e presidente da Bahia e Paraná, além de fundador do Museu Paranaense. Realizou análise de 72 sambaquis da Baía de Antonina no Paraná e publicou o resultado de suas pesquisas na obra intitulada “Antonina Pre-histórica”, em 1919.

Como estudioso do período, Leão se debruça sobre a origem e formação dos sambaquis. Para ele haviam 3 correntes de pensamento, a geológica que interpreta os sambaquis como efeitos de fenômenos diluvianos e a sociológica que os considera como acumulações graduais operadas por várias gerações. A terceira, chamada corrente eclética, que aceita ambas as posições a depender do caso (LEÃO, 1919, p. 233). Para Leão, os sambaquis de Antonina seriam resultados do acúmulo de lixo alimentar pelas populações pescadoras, não pela indolência, mas sim pela lei do menor esforço. Dessa forma, as suas localizações estariam ligadas a postos de pesca que seguiam 3 critérios: proximidade de lajes onde eram abundantes mariscos e fácil a pesca, altitude do terreno, que não deveria estar abaixo do nível do mar, e a existência de alguns rochedos que lhes fornecessem o material necessário para abrir as conchas, o que era feito com “pedra lascada e resistente que se encontra em todos os sambaquis”. Assim, esses seriam lugares que nas estações de pesca toda a tribo se reunia, trazendo os pescados, se alimentando ali mesmo e descartando o lixo (LEÃO, 1919, p. 234).

Compartilhando, também, a orientação evolucionista-cultural unilinear que considerava o povo dos sambaquis como autóctone do Brasil e partilha da visão de Lacerda (1882, 1885) de que os sambaquianos são os mais inferiores representantes da espécie humana, cuja cópia aperfeiçoada seriam os botocudos modernos. Propõe que não devemos atribuir todos os artefatos encontrados em sambaquis ao povo sambaquiano justamente pelo seu grau de evolução. Pois esses sítios, também, foram lugares utilizados em vários momentos por tribos Carijó que teriam dominado a região e subjogado os sambaquianos. Seriam, então, formações lentas, produtos de várias gerações e vários graus de evolução, começando no período “archeolithico” indo até o “neolithico”. Em decorrência da longa formação, seriam encontrados artefatos grosseiros do “archeolithico” ao lado de instrumentos polidos e mais aperfeiçoados como machados, zoólitos e cerâmicas (LEÃO, 1919, p. 237).

Suas ideias sobre as indústrias líticas sambaquianas fornecem subsídios para dar sentido

aos esqueletos encontrados nos sambaquis. Com base no que observou no Sambaqui da Ilha do Rolim¹⁰, não se poderia admitir que utilizando dos seus “rudes instrumentos de pedra lascada” pudessem cavar sepulturas profundas nas camadas densas e resistentes de cal e conchas. Dessa forma, a presença de esqueletos não era fruto de uma atividade religiosa ou planejada, mas sim de alguma superstição que não permitia o enterramento, deixando os cadáveres nos próprios locais de falecimento (LEÃO, 1919, p. 236).

Um dos poucos defensores da visão de que os sambaquianos eram mais evoluídos (ou menos primitivos) foi o médico e político Luíz Antônio Ferreira Gualberto (1857–1931) que publicou uma revisão dos estudos em Santa Catarina, em 1927, intitulada “Os casqueiros de Santa Catharina ou Sambaquis”. Gualberto considerava que Santa Catarina era um ponto de convergência de diversos povos ao longo do tempo, pelo clima ameno, abundância de água potável e recursos, aspectos que favoreceram a fixação de populações sedentárias e atraíram outras do interior. Cita como um exemplo desse fenômeno a proximidade entre diferentes sítios, como o Sambaqui da Lagoa de Saguassú¹¹ e polidores fixos e se apoia, também, em Karl von den Steinen (1855–1929) que menciona polidores próximos do Sambaqui do Magalhães¹² e do Cabeçuda¹³. Para o autor, a existência de diferentes povos estaria expressa na proximidade de sambaquis e polidores fixos (GUALBERTO, 1927, p. 234).

Dessa forma, os sambaquianos são entendidos como povos sedentários e diferentes vestígios de produções líticas seriam os indícios para essa afirmação, uma vez que relaciona vestígios líticos com assentamentos fixos. Um exemplo é um sítio, próximo ao Rio Pirabeiraba em Joinville, com pedras lascadas, restos de machados, mós e percutores (GUALBERTO, 1927, p. 234). Como muitos pesquisadores, associa sedentarismo com evolução e nomadismo com primitivismo. No que se refere aos sambaquis, sedentarismo, dimensão dos sítios e o aspecto físico dos esqueletos leva o autor a concluir que os sambaquianos não eram tão bestiais quanto se presumia. Outro indício importante que cita, e mais uma vez se apoiando nos líticos, é a recuperação em um mesmo sítio, desde calhaus rolados e utilizados como batedores até o “ornato mais bem acabado” polido e feito de rochas resistentes. Menciona almofarizes, pilões, mós, percutores, machados, enxós, furadores, bolas de arremesso, polidores, vários tipos de adornos, pontas de flecha, zoólitos e cerâmicas de melhor e pior qualidade (GUALBERTO, 1927, p. 294).

Apesar da diversidade de objetos descrita por Guaberto, compartilha a ideia de que instrumentos de maior acabamento estético deveriam ser exógenos, dessa maneira, aceita a noção de desenvolvimento cultural para os sambaquianos somente até certo ponto, pois seriam incapazes de produzir os zoólitos e bolas polidas em decorrência do alto grau de desenvolvimento técnico requerido. Conclui que haveria escambo entre tribos do litoral e tribo do planalto (GUALBERTO, 1927, p. 303).

10 Localizado no município de Antonina (PR).

11 Localizado no município de Joinville (SC).

12 Localizado no município de Laguna (SC).

13 Localizado no município de Laguna (SC).

Investigar a associação entre diferentes sítios como sambaquis, sítios líticos e locais de exploração de matéria-prima para refletir sobre sedentarismo, nomadismo, desenvolvimento cultural e contato entre diferentes povos não era algo aplicado com frequência na arqueologia do período. Essa linha de pensamento pode ser vista como um desenvolvimento da disciplina e resultado do acúmulo de dados científicos. O químico e geógrafo Silvio Fróes Abreu (1902–1972), também, utilizou essa abordagem nas discussões sobre os sambaquis, publicando em 1928 o trabalho “Sambaquis de Imbituba e Laguna”.

Para Abreu (1928, p. 32), em Santa Catarina há a ocorrência de “estações líticas”, caracterizadas como todos os vestígios de habitação do homem da idade da pedra, e sendo assim, também abrangendo os sambaquis. Ou seja, para o autor, a presença de instrumentos líticos ou o local de fabricação desses objetos seria indício de um local de habitação. Dessa forma, os sambaquis não deveriam ser rotulados como cemitérios, pois possuíam líticos em suas camadas, e seriam habitações. A presença de esqueletos era explicada como um comportamento comum entre os indígenas, associada a prática de enterrar os antepassados próximos às cabanas dos seus familiares (ABREU, 1928, p. 34). Abreu cita ter encontrado instrumentos líticos em diversos sambaquis, como Cabeçuda, Laguna e o Casqueiro da Carniça, onde encontrou “machadinhos de bugre”, “pedras lisas e bonitinhas” e “bolinhas muito bem-feitas” (ABREU, 1928, p. 24, 26 e 27). Considera, então, a origem dos sambaquis como artificial, pois para ele certas condições naturais favorecem o acúmulo de mariscos em certos locais, aproveitados pelos sambaquianos para fins alimentares. Considera inclusive que a presença de material lítico bastante característico nos sambaquis seria prova da ação humana, podendo, no entanto, existir concheiros naturais, os “pseudo-sambaquis” (ABREU, 1928, p. 40).

Cabe ressaltar que para o autor nem todas as estações líticas são sambaquis, muitas vezes eram sítios diferentes que estariam relacionados aos sambaquis. O autor cita ter encontrado alguns locais de produção lítica em Imbituba e Itapirubá que estão próximos a sambaquis. Como no Sambaqui da Ponta da Guaiúva, que apesar de não ter sido escavado e por esse motivo não contar com artefatos líticos, tinha nas proximidades 66 matacões de granito com depressões elípticas ou circulares, ou seja, polidores fixos para a fabricação de machados de rocha. Supõe que muitos dos artefatos produzidos ali acabaram depositados nos sambaquis (ABREU, 1928, p. 28).

Os indícios do homem primitivo são ali numerosos, significativos e variados. Numerosos, pois, numa rápida villegiatura nos foi dado visitar dezenove sambaquis e tres estações prehistoricas; significativos – pois são abundantes os artefactos, em tudo semelhantes aos de outras estações, bem como são frequentes os achados de esqueletos de homens fossilizados; variados porque se encontram ao lado do classico sambaqui em forma de monte, os indícios de trabalho humano gravados nas pedras e os sítios onde outrora acamparam tribus indigenas. (ABREU, 1928, p. 37).

Abreu, também, seria mais um dos que criticariam a divisão da pré-história em idades da

pedra em decorrência da presença concomitante de instrumentos lascados e polidos nos mesmos sítios e a ocorrência de instrumentos semelhantes, como machados polidos em tempos diferentes, como ocorre no Mato Grosso atual, nos sambaquis ou em Lagoa Santa. É preciso destacar que para ele, a presença de um mesmo tipo de artefato em diferentes períodos tão pouco era fruto de diferenças de desenvolvimento cultural, mas de diferentes níveis de habilidade de artesões (ABREU, 1928, p. 40).

Mais tarde, em 1932, aprofundaria essas ideias no trabalho “A importancia dos sambaquis no estudo da prehistoria do Brasil” onde cita que em Cabo Frio encontrou nos sambaquis numerosas lascas de quartzo, sugerindo então que eram locais de fabricação de pontas de flecha lascadas e destaca que na região de Laguna predominam instrumentos polidos feitos de rochas básicas, como machados e almofarizes. Os achados poderiam levar a crer que os sítios de Cabo Frio seriam mais antigos, porém não acredita nessa hipótese, pois em alguns depósitos são encontrados juntos materiais polidos e lascados. Assim, no Brasil haveria uma predominância da pedra polida, em parte pela presença natural de rochas melhores para esse trabalho, como as rochas básicas de basalto e diabásio encontradas em quase todo o território. Para Abreu parece ter havido uma predominância do tempo da pedra polida e não haveria uma idade paleolítica brasileira (ABREU, 1932, p. 12).

APONTAMENTOS FINAIS

O período da arqueologia histórico-cultural republicana brasileira que vai da década de 1890 até 1930 se caracteriza como uma continuidade de várias questões herdadas da arqueologia imperial. Destaque para a orientação evolucionista-cultural unilinear e a preocupação em definir o grau evolutivo dos sambaquianos na suposta escala evolutiva da espécie humana. Segundo Trigger (2004, p. 145), o evolucionismo cultural já era alvo de críticas na Europa desde o final do século XIX, frente ao crescente nacionalismo e declínio na fé absoluta no progresso tecnológico, em parte pelos efeitos negativos da revolução industrial como surgimento de grupos operários urbanos pobres, competição econômica entre potências europeias e a contestação do industrialismo por movimentos trabalhistas. Com o difusionismo sendo elevado como corrente teórica principal e as etnias entendidas como estáticas biologicamente, a diferença entre países e povos eram entendidas não como diferentes graus de evolução, mas como características biológicas inerentes e imutáveis.

Porém, esse contexto não parece se repetir no Brasil, pois o evolucionismo cultural continua a ser uma das correntes teóricas norteadoras das pesquisas arqueológica por todo o período da República Velha, apesar dos pesquisadores brasileiros, também, utilizarem explicações difusionistas desde o século XIX. Na Europa os arqueólogos estavam se preocupando mais com questões étnicas e históricas, na tentativa de registrar a distribuição dos artefatos no espaço e no tempo para entender os seus antepassados históricos mais recentes, promovendo um sentimento de identidade étnica nacional (TRIGGER, 2004, p. 145). A situação no Brasil é bem distinta, em

decorrência das elites brasileiras não possuírem uma identificação com as populações nativas e os seus ancestrais, justamente por não haver uma ligação étnica e por estarem em um contexto de conquista herdado do período colonial e imperial. Além disso, o contexto histórico da República Velha era bem diferente da situação na Europa que passava por um incipiente desenvolvimento industrial e todo o processo de mudança social que o acompanha. As ideias positivistas, por sua vez, parecem ter combinado muito bem com o evolucionismo e ganharam cada vez mais força nesse período. Dessa forma, mesmo adotando algumas metodologias da arqueologia europeia, com a aplicação tanto de ideias evolucionistas como difusionistas e positivistas, os povos estudados não foram incluídos como parte da identidade da nação moderna, sendo percebidos como parte de um passado bárbaro a ser dominado.

Os líticos mais uma vez estavam no meio dessas discussões, fornecendo provas tanto de desenvolvimento cultural como da falta dele. A avaliação estética e comparação com artefatos de outros contextos serviu para organizá-los conforme a hierarquização da evolução humana. Löfgren (1893), por exemplo, argumentaria que os líticos nos permitem entender a vida moral e evolução dessas sociedades, e da observação desses artefatos conclui que os sambaquianos eram atrasados, pois os artefatos eram na sua maioria simples e com pouca variedade. Por consequência, os artefatos bem trabalhados seriam exógenos e/ou facilitados pelas pré-formas naturais. Ihering (1895) pensava de forma semelhante, concluindo que os sambaquianos eram degenerados descendentes de centros civilizatórios como os Andes, de onde também viriam os objetos “superiores” encontrados no litoral brasileiro. Porém, cabe destacar que o autor muda de opinião mais tarde, considerando que objetos como os zoólitos eram sim originários dos sambaquianos (Ihering, 1904a). Krone (1914), também, avaliaria a qualidade do acabamento estético e presença de instrumentos lascados para assumir que os sambaquianos não eram tão desenvolvidos, mas ao contrário de outros pensadores, considerava que esses povos estavam em um crescente desenvolvimento e sedentarização após um período nômade e de degeneração, relacionado com os deslocamentos dos centros civilizatórios. Apoia as suas reflexões nos estudos de lâminas de machado, para ele as encontradas em sítios antigos só possuíam o gume polido, enquanto as que são provenientes dos sambaquis modernos são totalmente polidas. Já os zoólitos são tomados como objetos exógenos e herdados. Assim como Leão (1919) observa um crescente desenvolvimento técnico dos líticos nos sambaquis que estudou. Gualberto (1927), por outro lado, foi um dos poucos que defendeu que os sambaquianos não eram tão inferiores assim, pois deveriam ser sedentários, uma vez que próximo dos sambaquis haviam polidores fixos. Registra diversidade de artefatos, dimensão dos sítios e aspecto dos esqueletos, mas, mesmo assim, continuava a explicar a presença dos zoólitos como exógenos.

Os métodos de análise dos artefatos líticos se caracterizaram também como uma continuação dos desenvolvidos durante o Império, baseando-se principalmente na descrição da forma e caracterização dos minerais para atribuir função, gerando categorias funcionais generalistas como facas, machados, mãos-de-pilão e pontas em um sistema tipológico pouco definido, com regras organizacionais pouco claras, que eram ditadas segundo a forma esperada para

esses instrumentos. Krone (1914) nos apresenta um ótimo exemplo dessa tipologia, artefatos lascados com ângulos agudos e formato triangular seriam necessariamente pontas de arremesso, ignorando a possibilidade de outros usos. Artefatos de outros formatos variados, mas ainda com ângulos agudos, são definidos como facas, englobando em uma mesma categoria instrumentos que em aspectos tecnológicos e funcionais podem ser bem diferentes. Cabe destacar que tipologias puramente morfológicas, comparativas e sem considerar aspectos tecnológicos, acabam por levar a uma não compreensão da função real dos artefatos. Com essa abordagem dos instrumentos, a presunção da função tende a se basear principalmente na familiaridade do pesquisador com as ferramentas do seu dia a dia e comparações com outras indústrias líticas. Se um artefato lítico tem uma forma que lembre, mesmo que vagamente, uma faca, é considerado como faca. Segundo Böeda (2005, p. 4), um artefato arqueológico pode estar fora da memória tecnológica contemporânea, impedindo o reconhecimento intuitivo de sua função. Por isso é necessário a análise dos métodos de produção para o entendimento dos propósitos buscados, as intenções tecno-funcionais. O que passará a ser feito com a chegada da arqueologia francesa no Brasil a partir de 1950.

Outra questão que permeou os dois períodos foi a crítica a divisão europeia da pré-história em idades da pedra lascada (paleolítico) e polida (neolítico). Löfgren (1893), Ihering (1895), e Gualberto (1927) adotariam essa posição, argumentando que a prova seria a presença de artefatos polidos e lascados em vários períodos cronológicos. Leão (1919), por outro lado, adotava a divisão europeia e observava nos sambaquis justamente a passagem de um período para o outro, enquanto Abreu (1928) considerava haver uma predominância do neolítico e as aparentes diferenças técnicas nos artefatos deveriam ser fruto da diferença de habilidade individual dos artesãos. Adotando a divisão em Idades ou não, a técnica de confecção ou acabamento dos objetos interessou a todos esses pesquisadores, uma vez que é presente nas suas interpretações a ideia de que instrumentos polidos são sinais de maior desenvolvimento técnico e por consequência cultural.

A arqueologia da República Velha, também, foi um período de desenvolvimento da disciplina, a arqueologia de sambaquis voltou-se para a elaboração de sínteses regionais que definiam culturas arqueológicas no tempo e espaço, criou categorias e limites com base na ocorrência de determinados artefatos arqueológicos na geografia. Um exemplo dessa linha de pesquisa é o trabalho de Löfgren (1893) que define centros de ocupação sambaquiiana em São Paulo e Krone (1908) que aprofunda os estudos em dois desses centros. Destaque, também, para a contribuição de Ihering (1904a) que propõe a divisão do Brasil em províncias arqueológicas. As sínteses foram possíveis em decorrência do acúmulo de informações arqueológicas, como pode ser notado no aumento de citações de trabalhos nos artigos e livros, além do incremento na criação de coleções arqueológicas públicas ou privadas. Outro avanço da disciplina foi a maior atenção dedicada aos artefatos lascados por Krone (1908) e associação entre tipos diferentes de sítios, como sambaquis e oficinas líticas, presente em Gualberto (1927) e Abreu (1928). Dessa forma, esse é um período para a arqueologia de sambaquis que representa por um lado a continuidade

da arqueologia imperial evolucionista-cultural e difusionista, e por outro o desenvolvimento de uma arqueologia histórico-cultural republicana e positivista, ainda preocupada em organizar e categorizar o passado da nação, mas com novas ideias e métodos que amadureceram a partir da década de 1930.

Referências bibliográficas

- ABREU, Sylvio Froes. A importância dos “sambaquis” no estudo da prehistória do Brasil. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, tomo XXXV, p. 3-15. 1932.
- ABREU, Sylvio Froes. Sambaquis de Imbituba e Laguna (Santa Catharina). *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo XXII, parte 1, p. 8-50. 1928.
- ALVES, Arthur Braga. GASPAS, Maria Dulce. A Arqueologia Imperial e as Indústrias Líticas de Sambaquieiros nos Discursos Evolucionistas Culturais (1820-1880). *Cadernos do Lepaarq*, v. 20, n. 39, p. 39-68, Jan-Jun, 2023. ISSN: 2316-8412.
- BAHN, Paul Gerard. *The Cambridge illustrated history of archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. ISBN-13: 978-0521454988.
- BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44, p. 32-51, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p32-51>.
- BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- BÖEDA, Eric. Paleo-technology or anthropology of techniques? *Arob@se*, Paris, v. 1, p. 46-64, 2005.
- BUENO, Eduardo. Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Editora Leya. 2010. ISBN: 978-85-62936-17-3.
- CALIPPO, Flávio. *Os sambaquis submersos de Cananéia: Um estudo de caso de arqueologia subaquática*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- CALIPPO, Flávio. Os sambaquis submersos do baixo Vale do Ribeira: Um estudo de caso de arqueologia subaquática. *Revista de Arqueologia Americana*, nº 26, p. 153-171. 2008. DOI:10.2307/27768534.
- DEBLASIS, Paulo Antonio Dantas. *Ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: Os sítios líticos do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1995. ISBN: 85-314-0240-9.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. Arqueologia do Sul do Brasil e a política colonial em Hermann von Ihering. Anos 90, *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 12, n. 21/22, p. 415-436, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6380>.

- FERREIRA, Lúcio Menezes. Diálogos da arqueologia sul-americana: Hermann von Ihering, o Museu Paulista e os museus argentinos no final do século XIX e o início do XX. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo*, vol. 19, p. 63-78, 2009. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2009.89875>.
- FIGUTI, Levy; PLENS, Cláudia Regina; DEBLASIS, Paulo. Small Sambaquis and big chronologies: Shellmound building and hunter-gatherers in neotropical highlands. *Radiocarbon*, vol. 55, nº 2-3, p. 1215-1221. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033822200048128>.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. Ed. 3. São Paulo: Editora contexto. 2018. p. ISBN: 978-85-7244-251-0.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2000. ISBN: 85-7110-530-8.
- GUALBERTO, Luiz. Os casqueiros de Santa Catharina ou sambaquis. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Tomo 96, v. 150, p. 287-305, 1927.
- IHERING, H. A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional. *Revista do Museu Paulista*, v. I, p. 32-159, 1895.
- IHERING, Herman von. A origem dos Sambaquis. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. VIII, p. 446-457, 1903.
- IHERING, Herman von. Archaeologia comparativa do Brazil. *Revista do Museu Paulista*, v. VI, p. 519-580. 1904a.
- IHERING, Herman von. Residuos da idade de pedra, na cultura actual do Brazil. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. IX, p. 570-575, 1904b.
- KRONE, Sigismund Ernest Richard. Contribuições para a Ethnologia Paulista. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. 2, p. 470-481, 1902.
- KRONE, Sigismund Ernest Richard. *Informações ethnographicas do valle do rio Ribeira de Iguape*. IN: CARDOSO, João. Exploração do Rio Ribeira de Iguape. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Co. 1914. p. 23-34.
- KRONE, Sigismund Ernest Richard. O Idolo anthropomorpha de Iguape. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. 16, p. 227-233, 1911.
- LACERDA, João Batista. A morfologia craneana do homem dos sambaquis. IN: FILHO, M. M. (Org.). *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C. 1882. p. 22-23.
- LACERDA, João Batista. O Homem dos sambaquis. Contribuição para a Anthropologia Brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6. p. 175-203, 1885.
- LANGER, Johnni. Expondo o passado: as pesquisas arqueológicas do Museu Nacional durante o Brasil Império (1876 a 1889). *Cadernos do CEOM*, no 18, n. 21, p. 91-109, 2005. e-ISSN: 2175-0173.
- LEÃO, Agostino Ermelino. Antonina Prehistorica. *Archivos do Museu Nacional*, v. 22, p. 232-240, 1919.
- LIMA, Tânia Andrade. Em busca dos frutos do Mar: Os pescadores-coletores do litoral centro-sul

- do Brasil. *Revista USP*, n.44. p. 270-327, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p270-327>.
- LÖFGREN, Albert Constantin. Contribuições para a Archaeologia Paulista – Os Sambaquis de S. Paulo por Alberto Löfgren. *Boletim da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo*, n.9, p. 1-91, 1893.
- MORALES, Walter Fagundes. Ricardo Krone e as pesquisas arqueológicas no Vale do Ribeira de Iguape, SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 8, p. 281-286, 1998. e-ISSN 2448-1750.
- NETTO, Ládisláu. Investigações sobre a archaeologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6. p. 261-554, 1885.
- NEVES, Walter Alves; OKUMURA, Maria Mercedes Martinez. Afinidades biológicas de grupos pré-históricos do vale do rio Ribeira de Iguape (SP): uma análise preliminar. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*, v. 48, nº2, p. 526-558. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200004>.
- PALDAOF, J. M. Archaeologia Rio-Grandense. *Revista do Museu Paulista*, v. IV, p. 339-347, 1900.
- PLENS, Cláudia Regina. Arqueologia Funerária: a materialidade da vida após a morte. *Revista M*, vol. 3, nº 6, p. 318-343. 2018. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2018.v3i6.318-343>.
- PLENS, Cláudia Regina. *Sítio Moraes, uma biografia não autorizada: análise do processo de formação de um sambaqui fluvial*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira: A Pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Editora Archaeo e Carlini & Caniato. 2019. ISBN: 978-85-8009-281-3.
- ROBRAHN, Erika Marion. *Ocupação pré-colonial do vale Ribeira do Iguape, sp: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- SCHEEL-YBERT, Rita; BOYADJIAN, Célia; CAPUCHO, Taís. Por que a sociedade sambaquiiana deve ser considerada como de meio termo? *Revista de Arqueologia*, vol. 35, n. 3, p. 3-31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i3.995>.
- TEIXEIRA, Wenceslau Geraldes; PLENS, Cláudia, Regina; MACEDO, Rodrigo, Santana; FIGUTI, Levy. Caracterização de um perfil de solo desenvolvido no sambaqui fluvial Moraes, município de Miracatu – SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*, n. 22, p. 181-194. 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2012.107417>.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *O positivismo no Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados. 2018. ISBN: 978-85-402-0554-3.
- TRIGGER, Bruce Graham. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Editora Odysseus, 2004. ISBN: 85-88023-57-1.



Figura 1: Mapa da costa de São Paulo e dos sambaquis identificados por Löfgren. Fonte: LÖFGREN (1893, p.2).



Figura 2: Fotos de diversos artefatos líticos encontrados em Sambaquis. Item IX: Almofariz de pedra do Sambaqui da baía de Saputandova; Item X: Tipos de machados de pedra dos sambaquis; Item XI: Tipos de machados de pedra dos sambaquis de Villa-nova e Bogú-assú, e a rodela de osso do Sambaqui no Rio Diana¹⁴ no canto superior direito; Item XVII: Pedra de amolar machados do Sambaqui de Villa-nova. Fonte: LÖFGREN (1893, p. 101-103).

14 Localizado no município de Santos (SP)..

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia histórico-cultural da república velha e os estudos de indústria lítica sambaqueira (1890 - 1930).

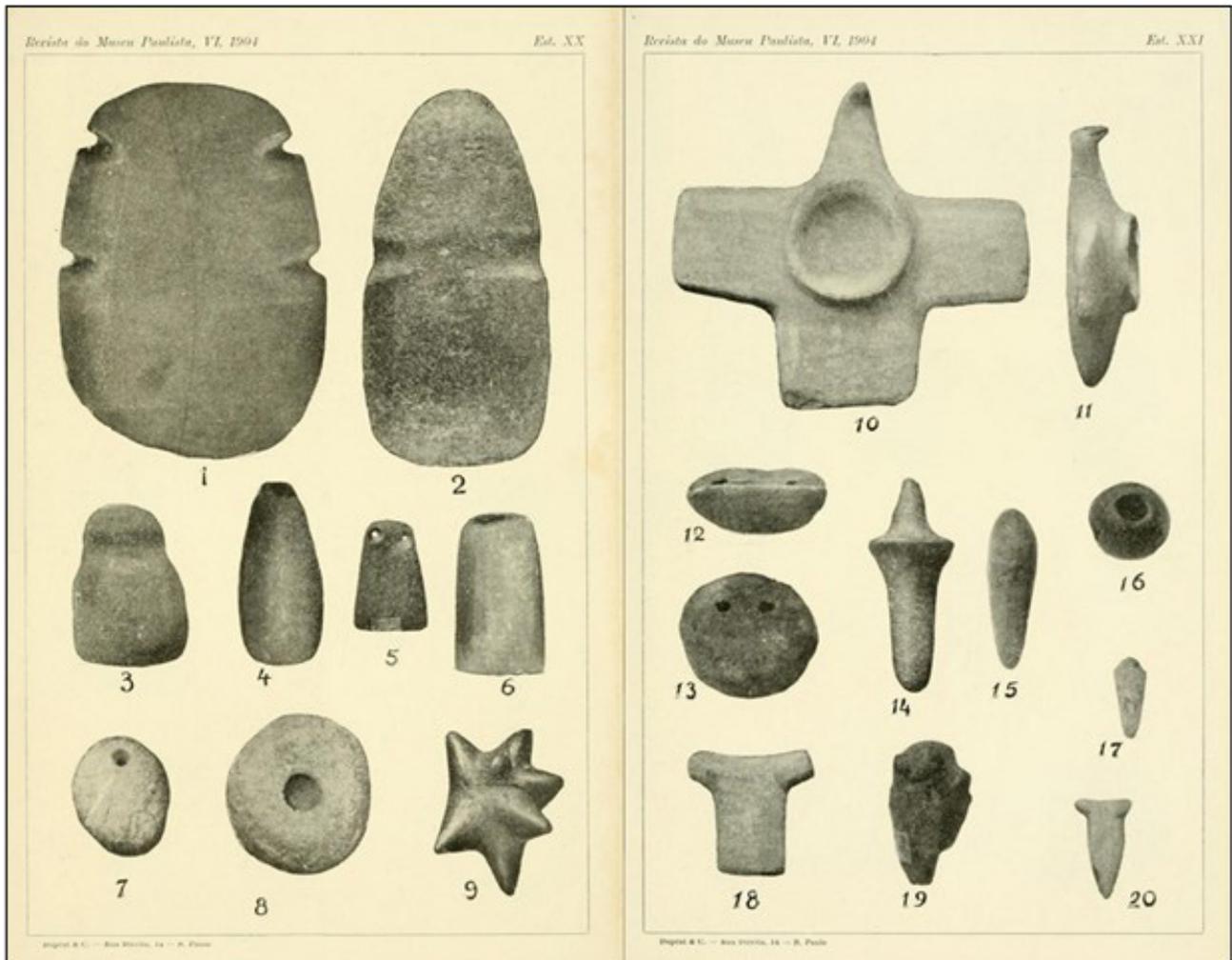


Figura 3: Fotos de alguns dos artefatos citados por Ihering, a maioria do Rio Grande do Sul, originalmente da coleção de Koseritz, exceto dos itens 12, 13, 14, 18 e 20, o item 15 é do Rio Grande do Sul, porém doado por Martim Francisco de Andrade. Item 1: Grande machado polido de duplo entalhe de cada lado; Item 2: Grande machado polido com sulco circular; Item 3: Machado polido com sulco circular subterminal; Item 4: Machado polido com extremidade posterior acuminada; Item 5: Chapa de pedra polida, com duas perfurações, tendo servido de adorno; Item 6: Machado de pedra polida, tendo a extremidade posterior larga; Item 7: Cascalho roliço de quartzo perfurado, tendo servido de adorno. Item 8: Pedra-martelo, mostrando no centro a covinha para o dedo; Item 9: Bola de pontas de minério de ferro; Item 10: Morteiro zoomorfo em forma de pomba voando, proveniente de um sambaqui; Item 11: O mesmo morteiro visto de lado; Item 12: Peso de rede de barro cozido, achado em uma igaçaba em São Vicente; Item 13: Peso de rede, de barro cozido, usado atualmente pelos pescadores de Santos; Item 14: Virote de pedra polida de São Paulo; Item 15: Virote de pedra polida; Item 16: Fuso de cerâmica; Item 17: Virote de pedra, incompletamente polido; Item 18: Tembetá de cristal de rocha de São Paulo; Item 19: Cachimbo cerâmico em forma de cabeça de onça; Item 20: Tembetá de quartzo de São Paulo. FONTE: IHERING (1904a, p. 581).

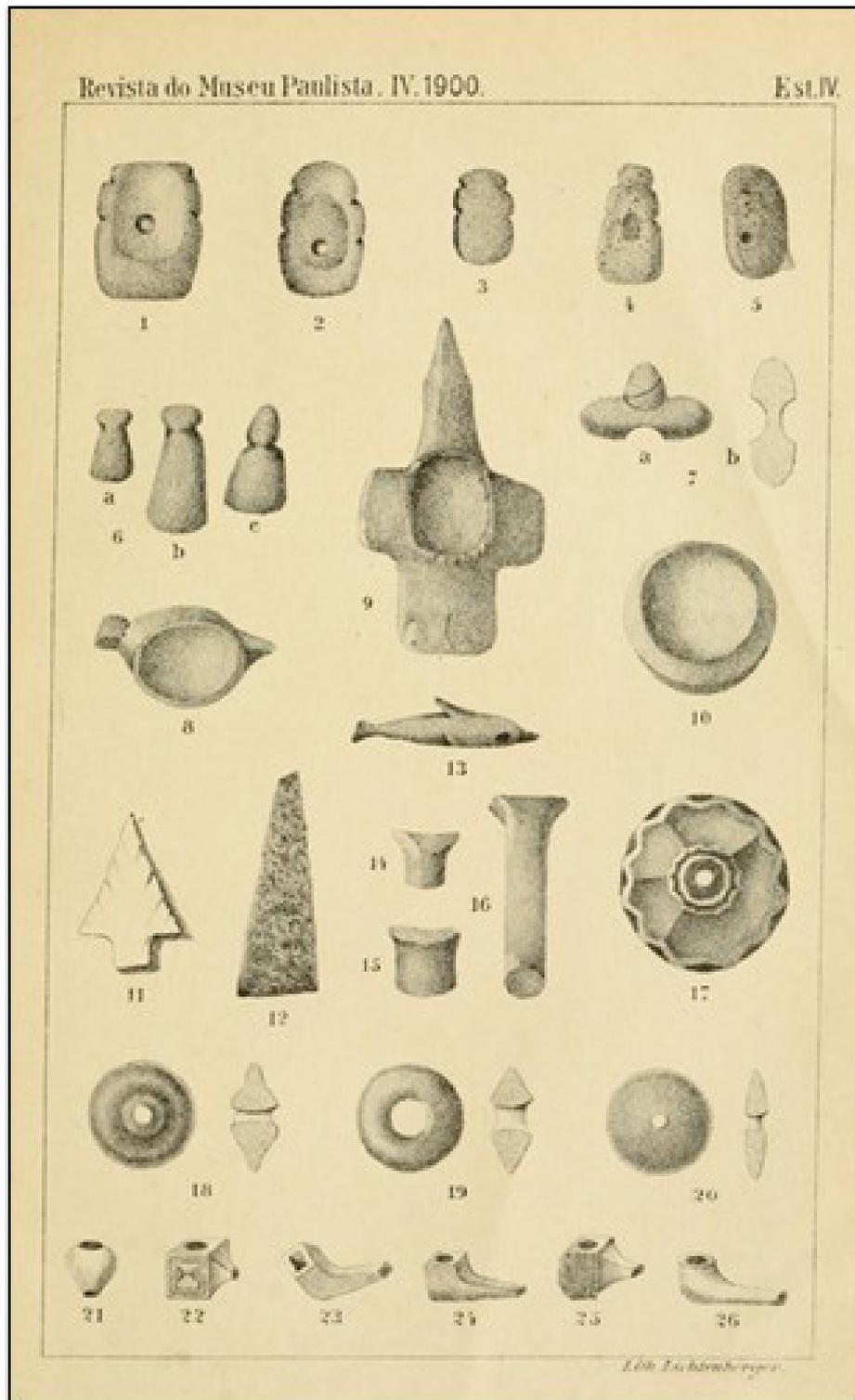


Figura 4: Alguns dos artefatos da coleção dos irmãos Barbedo descrito por Paldaof com as respectivas descrições: Itens 1 a 4: Lâminas de machado polidas duplamente entalhadas; Item 5: Pedra quebra-noz; Item 6 e a-c: Lâminas de machado polidas; Item 7: Disco de pedra perfurado; Itens 8 a 10: Almofarizes; Item 11: Ponta de flecha de ágatha; Item 12: Machado de Ferro; Item 13: Zoólito de osso em forma de peixe; Itens 14 e 15: Tembetás de pedra; Item 17: Pérola veneziana antiga; Itens 18-20: Machados circulares perfurados; Itens 21-26: Cachimbos cerâmicos. FONTE: PALDAOF (1900, p. 607).

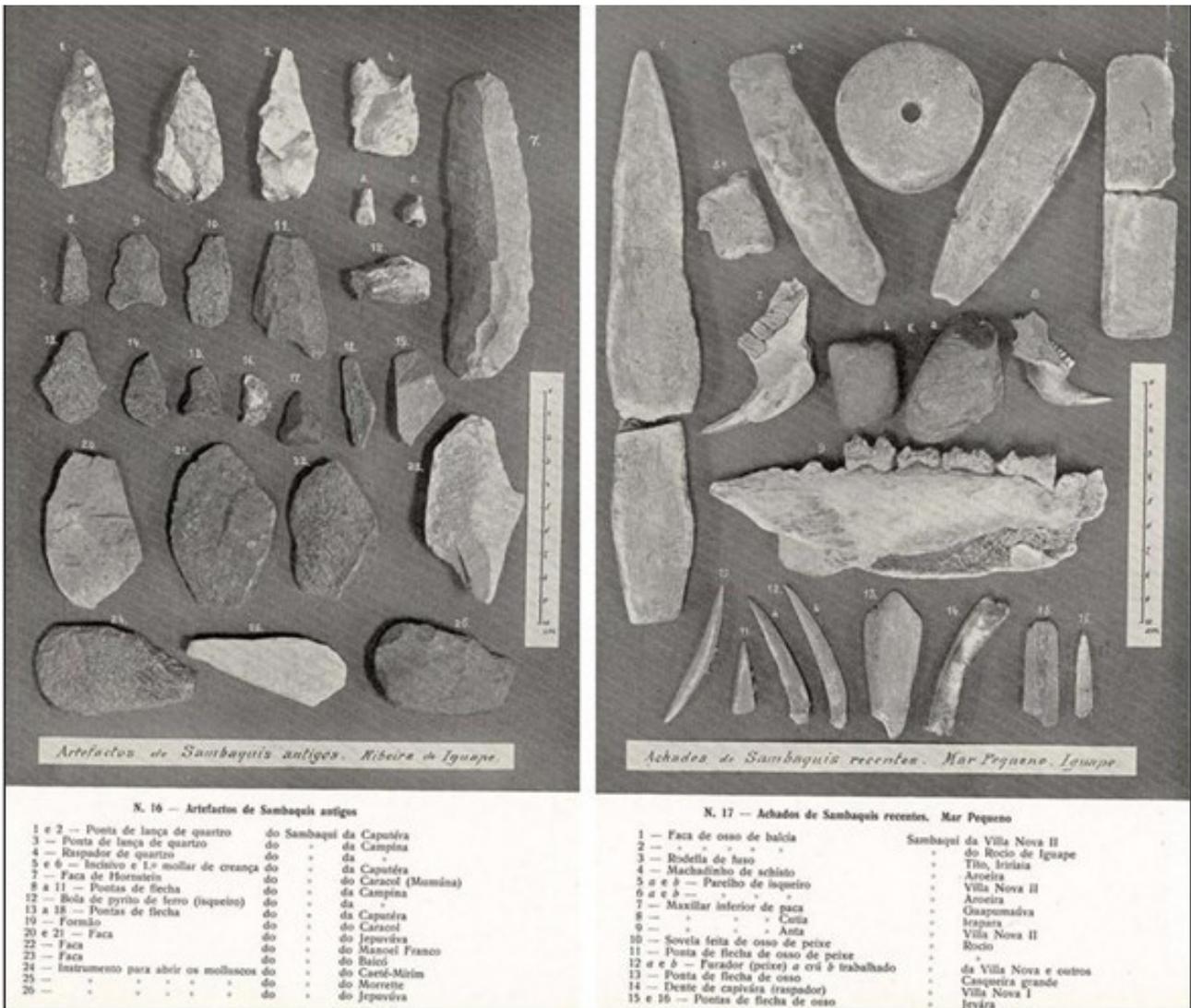


Figura 5: Fotos de artefatos encontrados em sambaquis antigos (esquerda) e em sambaquis recentes (direita), segundo Krone. Fonte: KRONE (1914, p. 24).

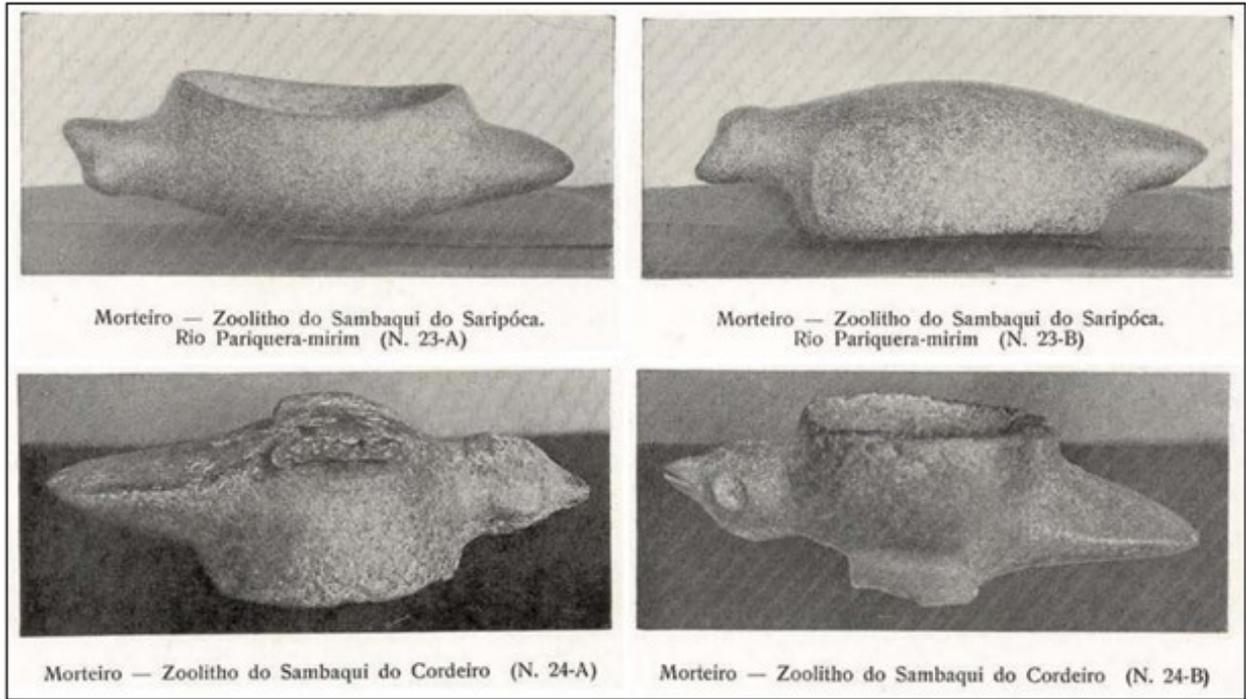


Figura 6: Fotos dos dois zoomorfos de aves encontrados por Krone. Fonte: KRONE (1914, p. 28).

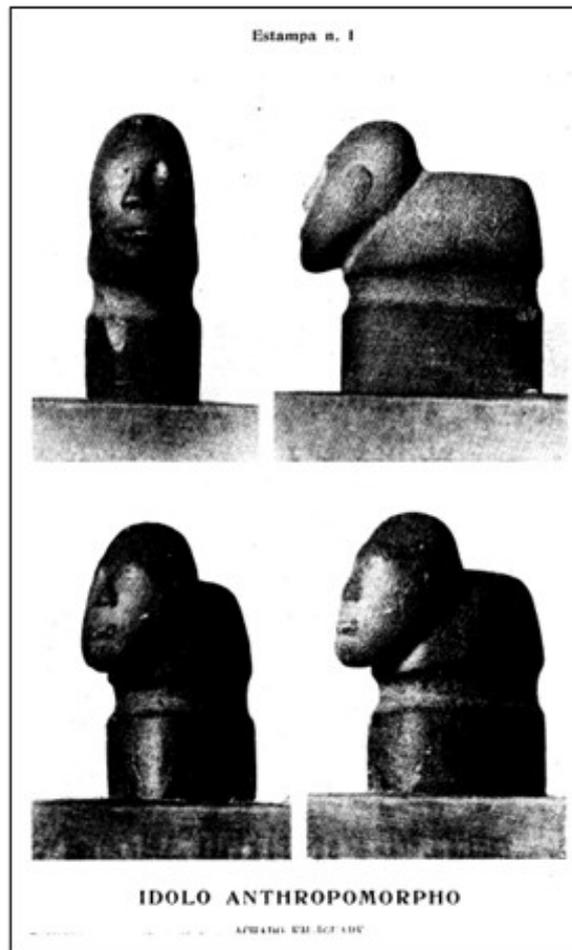


Figura 7: Fotos do Ídolo Anthropomorfo de Iguape. Fonte: KRONE (1911, p.228).

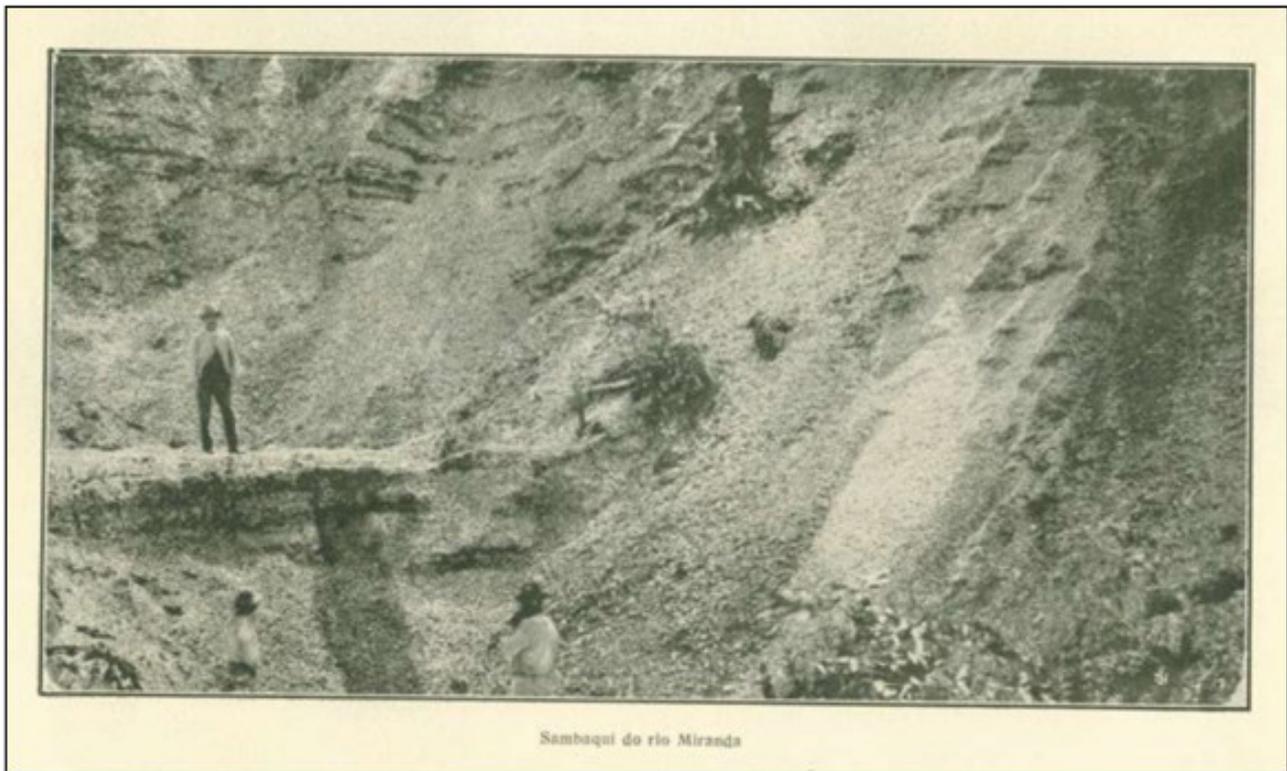


Figura 8: Foto do Sambaqui do Rio Miranda¹⁵. Fonte: GUALBERTO (1927, p. 293).

Recebido em: 02/04/2023

Aprovado em: 30/04/2024

Publicado em: 03/06/2024

15 Localizado no Estado do Rio Grande do Sul.

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia histórico-cultural da república velha e os estudos de indústria lítica sambaqueira (1890 – 1930).